

espadas. A mulher saiu gritando como doida e por muito favor não a mataram, deram-lhe apenas dez espaldeiradas para ensino.

— Que malvados!

— Um ainda ameaçou-a de rasgar-lhe a barriga e tirar o cabu-gizinho.

Freitas, depois de ouvir a história da carnificina no Mucuripe, voltou a casa.

CAPÍTULO XXV

MANUEL DE FREITAS vinha para casa, triste e desalentado, pensando no jejum da família; não sabia como ganhar naquele dia o pão. Pedir esmolas pelas portas, isso o horrorizava! Voltava sentindo esse desconforto, que tanto abate o espírito na vida de infortúnios, quando a alma sem aspirações e o coração sem esperanças amoldam-se às condições do meio, e deixam-se ficar em completa acedia.⁵⁶ Caminhava pensando num meio de trocar o trabalho pelo pão e não encontrava. Havia somente o recurso da esmola, a do cartão verde do Gabinete de Leitura. Seguia a passos largos, quando, movido de curiosidade, parou em frente ao palácio da presidência. A praça estava coalhada de povo! Mais de mil mulheres retirantes acotovelavam-se debaixo das varandas do palácio do governo e gritando:

— Queremos o nosso comissário, não queremos outro; se for demitido, há barulho; fecha-se o tempo!...

Era uma verdadeira conspiração do sexo frágil causada pela notícia da demissão do comissário do abarracamento de * * *. Este agente tinha exposto à venda no mercado público gêneros do governo, e que foram apreendidos pela polícia, e daí o boato de demissão. As retirantes instigadas por ele e temendo o sucessor, que dizia ser um homem de entranhas de fera e de propósito escolhido para maltratá-las, levantaram-se e responderam a uma voz:

— Viva o nosso santo comissário! Não sairá! Vamos ao Palácio! E saíram fazendo uma assoada infernal.

O presidente havia efetivamente dispensado os serviços do comissário, única pena ao estelionato que tinha cometido; mas, vendo o ajuntamento, cedeu à imposição dos retirantes, reconsiderando o ato, o que ele próprio comunicou-lhes da janela de seu palácio.

⁵⁶ Frei Domingos Vieira, em seu *Dicionário*, qualifica a palavra, de origem grega, como sinônimo de *melancolia incurável*.

As mulheres ouviram-no e voltaram ao abarracamento, comentando o fato em vozes altas e assim:

— Viva o nosso comissário! O governo teve medo da *tribuzana*! Se não cede, havia rolo!

Freitas, ciente da causa do ajuntamento, continuou seu caminho. Chegou a casa e o mesmo silêncio, a mesma apatia. Nem Filipa denunciava pela palavra os desvarios de sua razão!

O coronel tirou da maca o cartão do Gabinete, releu-o dez vezes e guardou-o no bolso da calça. Josefa animava-o a receber a mensalidade. Carolina, fiel à sua promessa, se conservava em silêncio; a fome a torturava. Branca como uma estátua de cera, sentava-se confronte a Filipa, que fitava-lhe um olhar demente.

Freitas saiu para o Gabinete de Leitura. Depois de atravessar algumas ruas, de andar mais de um quilômetro, chegou em frente ao edifício público, onde, por favor do governo, funcionava a sociedade particular *Gabinete Cearense de Leitura*.

Não foi preciso que lhe dissessem que ali se distribuía os dinheiros do Estado. A aglomeração dos retirantes sentados ao sol, nos passeios das casas e calçamento das ruas, revelava a negligência com que era feita a distribuição dos socorros públicos. O zelo, a dedicação, a probidade eram nessas comissões uma utopia! Voltava a época dos cartões, não com o arrojo com que fora iniciada, mas em escala suficiente a produzir grandes danos.

Manuel de Freitas era portador de um cartão, que arbitrava uma mensalidade de doze mil-réis ao número 1.612. Aproximou-se de seus companheiros e indagou o que seria preciso fazer para ser despachado.

— Há três dias que aqui *quaramos*⁵⁷ e nada! entre lá, que talvez seja mais feliz, disseram-lhe.

Freitas dirigiu-se ao portão com dificuldade; todos queriam entrar ao mesmo tempo, acotovelavam-se, esmurravam-se, queixavam-se da falta de atenção dos empregados do Gabinete.

Uma grade de ferro separava os *tesoueiros pagadores*, dos indigentes, e quatro soldados garantiam a ordem. Algumas mulheres bem trajadas desfrutavam a comodidade de boas cadeiras, na área ajardinada.

A fisionomia respeitável de Freitas, fechada pela fome, não lhe deu o direito de preferência. Já ia perdendo a esperança de chegar a sua vez, quando foi chamado o seu número. A grade foi aberta e o coronel introduzido no salão.

⁵⁷ Muito comum, nos sertões nordestinos, dizerem que está *quarando* a roupa ensaboada e estendida no chão, sob os raios do sol. É corrupção da palavra *corando*, do verbo *corar*.

- Sua guia? O recibo? perguntou um dos pagadores.
- Aqui está o cartão, o recibo não passei por não ter dinheiro para comprar papel.
- E o que fez dos doze mil-réis do mês passado, que não deixou um vintém?
- É a primeira vez que venho receber a mensalidade.
- E o mês passado quem recebeu?
- Ninguém.
- E nesse tempo quem estava de posse desta guia?
- Eu. Há quatro meses que a possuo.
- Sem receber?! Está mentindo, velho!...
- O coronel Manuel de Freitas, nunca mentiu.
- Mente, sim, disse o diretor do Gabinete, depois de ter aberto a página onde estava escriturada a guia nº 1.612.
- Os senhores podem negar o pagamento do cartão, mas não me podem insultar.
- Mentiste, velho, está lançado no livro o pagamento feito a Rosa Maria da Conceição, portadora da guia nº 1.612, da quantia de doze mil-réis e cujo recibo foi a rogo dela assinado por um dos empregados desta casa. E atreve-se a negar que mandou a mulher ou a filha receber a mensalidade?
- Então existem cartões falsos.
- Quem lhe deu esta guia?
- Não dê confiança a este canalha, rasgue a guia, pois quem não precisou dela quatro meses, pode muito bem dispensá-la o resto da vida, disse o diretor com estúpida arrogância.
- Podem inutilizá-la, mas com isso não escondem os furtos que se praticam aqui, disse Freitas.
- Soldados, lancem na rua este miserável.
- Podem até me mandar assassinar, mas não podem duvidar de minha probidade.
- Fora, velho, nem mais um pio, disse-lhe um soldado, pondo-lhe a mão no ombro.
- Não me toque, guarde distância; um soldado é um inferior.
- Conduzam para fora este insolente, disse o diretor, carregando os sobrolhos grisalhos e dando ao rosto aparvalhado uma ferocidade de besta, mas de besta mofina.
- Sairei, mas juro denunciar o que vai aqui por dentro. Bandidos que saqueiam o Estado a título de leais servidores da pátria!
- Soldados, conduzam este miserável para a cadeia.
- Não me toquem, repito, não posso ser conduzido por inferiores; sou coronel da Guarda Nacional.
- Conduzam, que a farda que veste é de mendigo.

Os soldados aproximaram-se com os rifles em punho. Freitas, exasperado de indignação, quis resistir, mas pôde em tempo dominar a cólera, obedeceu e seguiu escoltado para a cadeia.

O povo, que estava aglomerado à porta do edifício e que em parte havia presenciado as cenas que se tinham passado, longe de apupar o coronel, recebeu-o com saudações:

— Viva o coronel! Viva o velho honrado! Morra a *muamba*! Fora os *muambeiros*!⁵⁸

As manifestações da população chegaram aos ouvidos do diretor, que, ofendido em seu orgulho e prosápia, e não podendo mandar prender a todos que praguejavam, suspendeu o pagamento por quatro dias, a fim de castigá-los de sua audácia.

Comentavam o fato que dera lugar à prisão de Freitas:

— Ora, não haverá justiça nesta terra! O pobre vem receber sua mensalidade, não a recebe e além disso vai preso!

— A *muamba* não se acaba mais!...

— E como há de acabar, se ela é filha da seca?!

— E corre mais que o vapor!

— Já anda do Crato adentro!

— E só sendo assim, poderão eles dar cem mil-réis por mês a gente rica de meia nos pés!

— Credo! Malvados! Tiram dos pobres e dão a quem não precisa!

— Hão de aumentar, permita Deus, como correia no fogo.

— E rasgaram a guia do velho?

— Qual! Ficou inteira e tão verde como folha de *coroatá*.

— Servirá para pagar amas-de-leite para os filhos dos compadres.

— Estas gentes sabem de coisas!...

— E a filha da Rosa Preá não recebe aqui dez mil-réis para dar de mamar à filha de um homem de relógio?!

— Isso é inventiva, não façam juízos temerários.

— Inventiva o quê! E a graça é que ela tem cadeira e é despachada logo.

Manuel de Freitas seguia escoltado pela rua da Palma. Os soldados com os rifles o acompanhavam silenciosos; os transeuntes olhavam-no com indiferença, e a canalha nunca respeitou tanto um preso. Ao passar em frente do Passeio Público, enfrentando com a rampa que vem da praia para a cidade, encontraram-se com dois passageiros vindos no paquete do sul, fundeado havia poucas horas.

⁵⁸ *Muamba*, na acepção do texto, é "denominação dada antigamente à mercadoria desviada, nos depósitos do Governo, destinada à manutenção dos trabalhadores em obras de emergência, mercadorias essas vendidas depois a preços extorsivos". (Tomé Cabral, *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, Fortaleza, 1972.)

Um dos passageiros, depois de ter encarado o coronel, se dirigiu a ele:

— Coronel Freitas?

— Edmundo!

— Meu amigo Dr. Gervásio, coronel! — Gervásio, meu amigo coronel Freitas, disse Edmundo.

Cumprimentaram-se e Edmundo perguntou aos soldados:

— À ordem de quem vai preso o coronel?

— Saberá V. S^a que à ordem do diretor do Gabinete Cearense de Leitura.

— Levam o mandado da autoridade?

— Não, senhor.

— A prisão é ilegal. Iremos em primeiro lugar à presença do chefe de polícia.

Os soldados levaram o preso acompanhado de Silveira.

— Mais tarde te procurarei no hotel, Gervásio, disse Edmundo.

— Estimo que te saias bem.

— Às tuas ordens.

— Adeus.

CAPÍTULO XXVI

O PADRE CLEMENTE voltava uma noite dos abarracamentos de retirantes, onde ia, todos os dias, prestar aos infelizes os socorros de seu ministério. Esperava-o como sempre a solidão da cela, que, pobre como a habitação dos verdadeiros apóstolos do Cristo, tinha as comodidades de um horto, e tão confortável era como o lar de qualquer indigente. Dava-lhe claridade a pouca luz irradiada de um combustor da rua, fronteiro à janela. Era aquela pobreza a síntese da virtude.

Clemente era infatigável apóstolo da religião do Crucificado. O cansaço a extenuar-lhe os membros, a fadiga das longas horas a missionar os retirantes, não lhe alteravam a placidez da fisionomia. Voltava sempre calmo e satisfeito, como se tivesse provido todas as necessidades da vida.

Era já noite quando se recolheu a casa, e apenas o estômago havia recebido uma única e pequena refeição!

A cela oferecia a solidão de todos os dias e a imagem de Cristo, em seu mutismo, parecia reiterar a Clemente a promessa sagrada aos que, como ele, vêem na humanidade a sua família.

O padre entrou e ajoelhou-se em frente do Crucificado, com tanta reverência como se estivesse em presença do próprio Deus, e orou. Era a humildade e a fé na mais perfeita união aos pés da Divindade, era a crença descortinando o infinito, rasgando o véu que esconde o desconhecido, e vendo com os olhos da fé o Criador, a quem eleva sublime preito. O som daquele hino entoado por aquela alma de anjo devia ecoar nos páramos celestes.

Clemente levantou-se comovido, com o olhar angustiado de Cristo e procurou o leito; neste momento entrou no quarto um homem velho, e perguntou-lhe com respeito:

— Posso trazer o jantar?

— E temos alguma coisa, meu bom Constantino?

— Sobrou com que fazer um prato.

— Aceito a sua boa vontade.

O criado saiu e voltou, pouco tempo depois, trazendo uma pequena refeição. A pobreza do jantar não era menor que a do leito, o qual constava de algumas tábuas de pinho cobertas com um lençol de algodão!

Clemente serviu-se da metade da refeição, deixando a Constantino também com que matar a fome.

O criado retirou-se e o padre deu a volta à chave da porta que comunicava o aposento com o interior da casa. Ficando incomunicável, tirou da gaveta duma mesa uma carteira e sentou-se na cama.

Tinha nas mãos o necessário para tirar-lhe o sono algumas horas. Era uma questão grave a decidir e cuja decisão seria ignorada, mas por isso mesmo deveria ser muito justa.

A carteira era a de Simeão de Arruda, perdida na noite da orgia.

O padre, depois de examinar todos os papéis, entregou-se a profundas meditações. Arruda era um grande criminoso e como tal merecia ser levado aos tribunais, entregue à justiça. As cartas do tesoureiro provavam as dilapidações que havia feito dos dinheiros do Estado; a sua publicação entretanto importava a violação do sigilo da confissão.

Clemente ficou de posse de todos aqueles segredos no confessionário. Tirara da mala de Quitéria do Cabo, a carteira com os documentos e dinheiro, e era necessário dar um destino àquela quantia que não era sua. Restituí-la a Simeão, nunca; entregá-la ao governo, seria preciso dizer a verdade sobre a procedência, e isso se tornaria um crime ainda maior — o abuso do confessionário. Doá-la às vítimas da seca também não; não lhe ficava bem doar o que não lhe pertencia.

Clemente pensava em tudo isso quando lhe bateram à porta.

— Está em casa o senhor padre?

— Sim, senhor.

E, recolhendo a carteira à gaveta, dirigiu-se para a porta.

— Alguma confissão, meu filho? perguntou sem dar volta à chave.

— É Simeão de Arruda que deseja aconselhar-se com V. Rev.^{ma}.

Clemente pressentiu uma cilada e respondeu:

— Se é em artigo de morte estou pronto, ao contrário, me queira desculpar; cheguei do abarracamento há pouco tempo e estou bastante fatigado.

— Pode abrir, senhor padre, é dever do sacerdote dar conselhos a qualquer hora do dia ou da noite.

— Se não está em perigo de vida, volte amanhã, ao romper do dia, que me encontrará pronto a ouvi-lo.

— Voltarei.

O padre tornou ao leito.

Arruda afastou-se da porta e se incorporou a três indivíduos que o tinham acompanhado e guardavam distância. Seguiram rua fora, conversando:

— O diabo do padre é sabido, disse o comissário.

— E V. S^a paciente demais.

— Com as suas posses eu não agüentava que ele me tivesse *atubibando*.⁵⁹

— Nós estávamos prontos ao primeiro sinal.

— Entrávamos de casa dentro e levávamos tudo.

— O que não se pode fazer hoje, se faz amanhã, disse Arruda.

— E nem desconfiava de V. S^a...

— Podia desconfiar.

— Qual, senhor comissário, V. S^a entrava e quando estivessem entretidos conversando, nós rebentávamos de casa dentro.

— O padre tinha medo, e V. S^a fingia-se desesperado com a falta de respeito, e se botava para nós e lutava.

— E até para o negócio ficar mais *confeitado* nos metia o pau à vontade.

— Um de nós se atracava com V. S^a, enquanto os outros carregavam o baú, a cama e a mesa do padre.

— Era bem feito, mas o diabo cochichou com ele, disse Arruda.

— Amanhã, nós voltamos e não precisamos mais de V. S^a. Sabemos da casa e havemos de vir chamá-lo para uma confissão.

— E quando abrir a porta, limpamos-lhe a casa.

— Sim, mas no dia que eu marcar, disse o comissário.

— Será.

— Mas não ofendam o padre.

— Credo! Por dinheiro nenhum.

⁵⁹ Ainda é comum, em certas camadas sociais mais modestas do Nordeste, *atubibar* como sinônimo de perseguir, atormentar, insistir.

— Se fazemos isso é para salvar a honra de V. S^a.

— E será motivo de excomunhão?

— Qual, só ficariam excomungados se dessem no padre.

E o comissário, separando-se dos companheiros, seguiu para casa.

Clemente não pensou na visita de Simeão e muito menos na cilada de que escapara. Era preciso decidir a questão do dinheiro. Meditou e meditou muito, e depois proferiu a sentença:

— Seja o dinheiro distribuído com os famintos, reparta-se igualmente com os necessitados; a obra da caridade será completa e o sigilo da confissão não será violado.

CAPÍTULO XXVII

AOS PRIMEIROS CLARÕES DO DIA, o padre Clemente levantava-se do leito, sempre disposto a continuar a árdua tarefa de seu ministério.

Simeão de Arruda o encontrou de saída para os abarracamentos.

— Bom dia, reverendíssimo padre.

— Bom dia, Sr. Arruda.

— Esta noite vim interrompê-lo em suas orações; estava com o espírito enfermo e desejava o conforto de suas palavras.

— Senti não poder prestar-lhe atenção; acabava de chegar dos abarracamentos e precisava de repouso.

— É verdade, senhor padre, que está em seu poder uma carteira com dinheiro e documentos que me pertencem?

— Sim, Sr. Arruda.

— E não pretende restituir-ma?

— Não, senhor.

— E acha justo e regular este seu procedimento?

— Perfeitamente!

— E por quê?

— Porque o dinheiro não lhe pertence.

— E que destino pretende dar ao meu dinheiro?

— Distribuí-lo com os famintos; restituí-lo às vítimas da seca, seus legítimos donos.

— E em que V. Rev.^{ma} se firma para negar-me a posse dessa quantia?

— Permita-me também que o interrogue. Com que direito chama seu o dinheiro do Estado? Com que direito reclama a posse de uma propriedade, que, com sua própria assinatura, afirma não lhe pertencer? Quer que continue?

— O dinheiro que estava na carteira decerto não me pertence; estava de posse dele somente o tempo necessário para distribuí-lo com os retirantes.

— Não está isso escrito nas cartas do tesoureiro.

— E como V. Rev.^{ma} obteve esses papéis?

— E como os perdeu? Em que lugar, não se recorda?

— Na rua.

— Numa orgia.

— Um crime enorme comete V. Rev.^{ma}, violando o sigilo da confissão!

— Não, repito uma história que o senhor me contou.

— Permita dizer-lhe que mente!

— Já que muito ingrata tem a memória, permita que me justifique lembrando-lhe um fato muito recente. Recorda-se da tarde em que o encontrei numa casa abandonada? Quem, horrorizado de si próprio, trêmulo, hirto, proferia o nome de Vitorina? Quem fugia diante do punhal de Edmundo? Quem implorava a proteção da feiticeira, oferecendo-lhe rios de dinheiro pela honra de Carolina?

— Basta, senhor padre, distribua o dinheiro com os famintos, mas me entregue os documentos.

— Ainda é cedo; ficam em meu poder até que o senhor se corrija.

— Em nome de Deus, dê-me os papéis, senhor padre.

— Não; de posse deles, eu tenho um freio a seus desvarios. Não receie que sirvam de arma à vingança, que venham a cair em poder de outro. No dia em que boas razões me convencerem de sua regeneração, lhos restituirei.

— Então não me envergonhará?

— Não.

Arruda retirou-se completamente desorientado.

Clemente tirou da carteira o dinheiro, que importava num conto e duzentos mil-réis. Dava para socorrer a dez famílias com a mensalidade de dez mil-réis, e por espaço de um ano.

O padre, acostumado a visitar diariamente os domicílios dos necessitados e conhecedor de suas privações, levaria perfeitamente bem a esmola aos que mais precisassem. Tirou da carteira a quantia para dez mensalidades e foi cumprir fielmente a sentença que proferira na solidão da cela.

Clemente deixara Freitas doente e apenas alguns tostões lhe dera, para com a família se alimentar. Seria o coronel um dos primeiros socorridos.

A porta da entrada estava cerrada; o padre fez-se anunciar com algumas palmas, e Carolina, ouvindo-as, veio recebê-lo.

A moça estava lívida como uma figura de marfim. Parecia que a fome lhe havia tragado todos os glóbulos do sangue. A tristeza lhe amortecia o olhar e naquela doce languidez da vida que desfalece à míngua de seiva, de forças, estendeu a mão trêmula ao sacerdote. Aquele desalento havia feito realçar-lhe mais a beleza!

Clemente fitou-a e sentiu deleitá-lo a morbidez daquela carnação em contato com a sua mão. Fitou-a mais e, sem que o quisesse, os traços corretos daquele formoso rosto de mulher passaram-lhe das retinas ao coração: tinham impressionado a alma do homem, quebrando o voto do padre! Clemente sentiu que o olhar desalentado de Carolina num lânguido esmorecimento dos sentidos lhe havia feito mal. Fechou os olhos para não vê-la, mas embalde; a imagem, sem que o quisesse, dos olhos passara à alma!

Clemente era forte e virtuoso. Percebeu a tentação e pôde em tempo dominar-se, matar aquele desejo da carne, e fiel ao seu voto, sufocar os sentimentos que podiam fazê-lo perjuro. Continuar a fitá-la era expor-se a cair; a tentação crescia à custa dos escrúpulos da consciência, que facilmente se submeteria a todos os caprichos da carne.

O padre, conhecedor do espírito humano, temia mais a sua fraqueza do que confiava em sua virtude. Era preciso fugir, procurar no trabalho, na mortificação apagar os últimos traços da imagem que lhe haviam ficado dentro d'alma. Sair precipitadamente, sem deixar a esmola, acovardar-se, submeter-se à vontade da besta que pretendia dominar o homem e subjugá-lo, era um jugo tremendo e ao qual o caráter de Clemente não se sujeitaria sem resistir muito.

— Chame sua mãe, minha filha, disse o padre.

O sacerdote, por um supremo esforço, havia triunfado dos botes que à sua virtude atirava sua animalidade. Era agora somente o apóstolo de Cristo, o apóstolo da caridade que procurava o desvalido para socorrê-lo e não para ultrajá-lo, para profanar-lhe a inocência a preço de benefício.

Carolina entrou, e o padre já não pensava em sua beleza, mas na fome que lhe roía as entranhas! Clemente tirou do bolso dez mil-réis e esperou Josefa para dar-lhe a mensalidade.

Freitas entrou nessa ocasião com Edmundo.

O coronel apresentou ao padre o seu amigo.

Josefa e Carolina vieram à sala, supondo achar-se aí somente o sacerdote. Agradável surpresa! Edmundo se aproximou e saudou-as com bondade e respeito.

Carolina experimentou uma sensação que se confundia num misto de alegria e surpresa, e viu-se rodeada de todas as suas esperanças.

Freitas e Josefa liam em silêncio o que se estava passando no coração da filha.

Edmundo inebriava-se no gozo inefável dos seus pensamentos, nos desejos de noivo. Entre os sonhos cor-de-rosa, de quando em quando, um pesadelo; e o ódio e a vingança ao comissário lhe assaltavam o espírito, e, no meio das ilusões que o deleitavam, pareciam abismos profundos e terrorosos alumados pelo sol, que ora cintilava e ora uma nuvem lhe escondia o disco luminoso.

Clemente guardava com toda a piedade as impressões de todas aquelas cenas.

Passara a tempestade. Foi um momento de alucinação na vida do padre, um instante de amor, na vida do homem.

— Foi ao Gabinete, coronel?

— Sim, senhor padre, e muito mal-sucedido. Os dias para mim parece que estão sendo aziagos.

— Então não recebeu a mensalidade?

— Nem o pagamento, e como reclamei, fui preso.

— Prenderam-no?!

— E se não fosse o Sr. Edmundo, teria ido à cadeia e lá ficado até quando quisessem os meus senhores.

— Nunca vi tão grande arbitrariedade, disse Edmundo.

— Então não chegou a ser recolhido? perguntou o padre.

— O chefe de polícia teve o bom-senso de pô-lo em liberdade; não é duro de cabeça como o diretor do Gabinete, disse Edmundo.

— Os comissários têm abusado muito, disse Clemente.

— Eu que o diga. Estive expatriado mais de um ano, graças à infâmia e perversidade de um destes agentes do governo, mas jurei, na solidão do meu desterro, vingar-me de um modo terrível.

— O perdão é nobre e a vingança é vil, Sr. Edmundo. A religião manda perdoar as faltas de nossos semelhantes, para que Deus nos perdoe as nossas, ponderou Clemente.

— A justiça pune o criminoso do mesmo modo que a religião condena o culpado a penas eternas.

— Nada de ódios e de paixões, quando tivermos de julgar os outros, disse o sacerdote.

— Minha sentença não é obra do momento, não; a consciência ditou-a e meditei longos meses, e cada dia que passava eu a achava mais justa. Não é uma vingança; é uma punição.

— Tenho de ir aos abarracamentos e não dispondo de mais tempo agora, peço-lhe, Sr. Edmundo, o favor de suspender o golpe sobre quem quer que seja até que conferencie comigo, o que poderá ser quando quiser em nossa casa à rua de nº das cinco às seis da manhã e das seis às 9 da noite.

— Amanhã o procurarei.

Clemente saiu para os abarracamentos, deixando na despedida entre as mãos de Josefa a esmola. O modo de dá-la não passou

despercebido a Edmundo, que, depois que o sacerdote retirou-se, disse a Freitas:

— Deixa o óbolo da caridade como manda Cristo. Não pertence à raça terrível dos impostores, que fazem alarde do benefício; não é dos que metem a mão no bolso para tirarem a esmola ao mesmo tempo que põem a trombeta na boca para apregoá-la.

— Achamo-nos com ele à hora angustiada das provações mais cruéis! Encontrou-nos enfermos e abandonados, e recolheu-nos ao hospital; achou-nos ao tempo e nos abrigou, disse o coronel.

— Verdadeiro apóstolo do Crucificado!

— É nosso benfeitor e amigo, disse Josefa.

Carolina precisava estar só; as impressões abalaram-lhe muito os nervos, e, sentindo necessidade de chorar, se recolheu ao quarto.

Edmundo seguiu-a com a vista, e, cada vez mais apaixonado, se dirigiu a Freitas:

— Meu amigo, há muitos anos que meu coração vive do amor que tenho à sua filha; a sorte fez que nos encontrássemos num terreno menos acidentado, e o destino nos aproximou. Se acha que sou digno de merecê-la, peço-a em casamento.

A moça havia chorado, mas, de olhos enxutos, já voltava à sala, ignorando o que se estava passando.

— Ousei, D. Carolina, sem consultar a sua opinião, pedi-la em casamento.

Carolina ouviu as palavras de Edmundo, com os olhos fitos no chão. Irradiaram-se-lhe n'alma os clarões de uma nova aurora. O silêncio foi a resposta à súplica de Silveira, mas não um silêncio dos que nada dizem, não; a palavra foi substituída pela expressão de um olhar, que, retemperado no estreito espaço de um quadro no ladrilho, ergueu-se cheio de encantos e de promessas e fitou-se em Edmundo, que compreendeu naquele casto mutismo o amor que iluminava a alma da moça.

Freitas assistia comovido àquela cena.

— Sejam abençoadas as vossas afeições, meus filhos. Deus queira cobri-los de felicidade, amparar os vossos passos no tortuoso e difícil caminho da vida.

A voz do coronel, grave como a consciência, calou-se e tudo voltou ao silêncio. O futuro, misto de dúvidas e incertezas, estreitava no círculo da imaginação os pensamentos de todos que ali estavam. Todos queriam devassar o que só é permitido ao tempo, exceto Filipa que, roída de fome e sem ser pressentida, viera colocar-se à porta do corredor e exprimia por palavras a esmo a necessidade que tinha de comer:

— Foi no mar!... Bernardina!... O homem!... a jangada!... foge!...

As palavras da louca arrancaram o grupo àquela profunda meditação. Fitaram-na, e Edmundo perguntou:

— Filipa, a sua escrava, coronel?

— Hoje louca e liberta!

Edmundo tudo compreendeu, e sem proferir mais palavra, se despediu e seguiu para o hotel.

CAPÍTULO XXVIII

EDMUNDO seguia pensativo.

Chegara à praia e não tivera tempo de saudar o céu de sua terra! A situação em que encontrou Freitas absorveu-o todo. O seu desterro fora de dois anos.

O caráter de Edmundo se retemperou mais com as provações. Desembarcado do vapor *Pernambuco* na inóspita ilha do Pina, no Recife, se achou entregue à miséria e somente à miséria, rodeado de mais de quatrocentos companheiros de infortúnio, maltrapilhos e famintos. Enquanto nas águas do Ceará lançavam-se todos os dias os gêneros que apodreciam nos celeiros do governo, os retirantes eram forçados a sair da província. A ilha do Pina, destinada para alojamento desses mal-aventurados, era muda testemunha de cenas pungentes.

Não era o calor do sol durante o dia, a umidade ao relento à noite, a ração insuficiente e atirada de má vontade, as cisternas trancadas aos que tinham sede, os sofrimentos, as privações, não; por cúmulo de crueldade eram o escárnio, o motejo a amargurá-lhes a existência já tão depauperada de conforto, de paz, de felicidade!

Edmundo achou-se envolvido nessa onda de infelizes e sujeito também aos mais atrozes sofrimentos. Quatro dias depois da sua chegada ao depósito, apareceu ali um senhor de engenho da Escada, homem de meia-idade, de maneiras bruscas, que vinha observar os retirantes, a fim de escolher alguns para empregar na lavoura. Mal-avisado andou o agricultor; encontrou-se com esqueletos animados, achou-se frente a frente somente com a miséria. Ia retirar-se, quando viu Edmundo. A presença agradável do moço despertou-lhe a atenção e não se demorou em convidá-lo para seu empregado.

Qualquer proposta lhe seria vantajosa. Edmundo acompanhou o agricultor e entregou-se aos seus serviços com a dedicação, a solicitude do escravizado que trabalha pela liberdade. Longo foi o tempo de degredo. E que soma de sacrifícios não lhe custou! além das horas amargas de saudades da pátria, o testemunho das cenas re-

pugnantes da escravidão. O tronco, a gargalheira, o carro, a fornalha, suplicios infligidos pelos desalmados que chamavam sua propriedade a outro homem, traziam-no em um estado aflitivo! a nostalgia minava-lhe a alma, todos os gozos valiam menos do que a idéia de voltar ao Ceará. Em troca de tantos sacrifícios pôde alcançar o preço de resgate. A obra estava completa.

Silveira apresentou-se ao senhor de engenho e disse-lhe que deixava a casa.

O agricultor fez-lhe propostas vantajosas, para que continuasse, mas Edmundo tudo recusou e partiu para o Recife. Chegando àquela capital, tomou passagem para Fortaleza. O dia da saída do paquete foi para Silveira de completa alegria! Os primeiros passos na escada do navio foram como os do náufrago, que, depois de lutar muitas horas com as ondas, pisa terra firme!

A felicidade tem caprichos como a desgraça; Edmundo chegava à idade de ouro. A bordo lhe estava preparada uma agradável surpresa: um colega de seminário era também passageiro do vapor que ia tomar. Encontraram-se na câmara, conheceram-se, um apertado abraço e estas palavras:

— Edmundo!

— Gervásio!

Havia dez anos que não se viam. Os seus pensamentos voltaram-se imediatamente para o passado e as recordações dos dias de colégio os absorviam. As sabatinas, os sábados que precediam os domingos de saída, o dia de férias, os artigos do periódico, as pilhérias do gaiato da classe, enfim, tudo recordaram em um instante. Não cessavam de se olhar, achavam as fisionomias pouco diferentes, apenas a barba, e o corpo mais desenvolvido.

Silveira contou a Gervásio sua história e recebeu a promessa de empregá-lo bem, logo que chegassem. Edmundo foi ao hotel onde Gervásio o esperava com uma boa notícia. Tinha obtido o emprego. Ao Dr. Gervásio, despachado juiz de direito para uma das primeiras comarcas da província e amigo da situação, era impossível que o presidente faltasse, não satisfazendo um pedido, embora nas repartições não houvesse mais uma vaga. A portaria estava assinada e Edmundo da Silveira feito empregado público e com bons vencimentos.

— Agradeço-te do coração a colocação que acabas de obter para mim, mas talvez não me venha a servir.

— Como assim?

— Tenho que saldar uma dívida de honra e sairei da luta para a cadeia ou para o cemitério.

- Estás louco?
- Ainda mais que louco, desesperado!...
- Não te compreendo.
- contei-te a minha história. Jurei castigar o perverso, que me atraíçoou, matando-o logo que desembarcasse aqui.
- E Carolina?
- Hoje, minha noiva, pois pedi-a.
- Tua noiva?!...
- Fizemos, há pouco, os nossos esponsais.
- Ficará viúva antes do casamento, não?
- Ah! Gervásio, o destino continua a perseguir-me. Já não tenho mais forças para lutar! O amor e o dever batem-se em duelo de morte, e não sei qual será o vencedor.
- Despreza o covarde que te ofendeu, esquece a vileza do teu inimigo pequenino e te elevarás.
- Nunca; prefiro a morte. O meu desejo de vingança é hoje uma alucinação do espírito.
- E Carolina, Edmundo?
- Sim, ela, a quem, há pouco, prometi um futuro.
- Por seu amor, por sua paz, por sua felicidade, esquece a ofensa; ao contrário, serás um tresloucado. Fazer esponsais quando se tem em vista cometer um crime, só se explica por um desarranjo mental!
- Não posso perdoar.
- Serás um assassino.
- Um assassino, não!
- Um assassino, sim. A sociedade te apontará como o homem que matou sem ser em defesa própria; te condenará, porque não tens direito de tirar a vida a outrem; te acusará como o assassino que dois anos premeditou o crime!
- A sociedade puniu o crime de meu algoz? ouviu os meus gemidos do degredo? escutou o pranto que derramei longe da pátria? Não, nada ouviu de meus lamentos, agora seja também cega, que vou punir um criminoso.
- Querias que a justiça entrasse no conhecimento de uma ofensa toda particular?
- E para quê? Para escarnecerem de mim? Não; há ofensas que não se levam ao público antes de se terem lavado em sangue.
- Medita bem esta noite e amanhã me dirás se persistes em ser um assassino.
- Boa noite, Edmundo.
- Boa noite, Gervásio.

CAPÍTULO XXIX

SIMEÃO DE ARRUDA estava enfermo. Os membros inferiores pesavam-lhe como chumbo, uma inapetência invencível obrigava-o a rejeitar toda a sorte de alimentação, enquanto o estômago parecia digerir um pedaço de ferro. Depois da última visita ao padre Clemente, os sofrimentos aumentaram. A moléstia havia colado diante dos olhos do comissário um quadro sombrio, tinha-lhe encarcerado o espírito no escuro círculo da tristeza. Tentava fugir dos fantasmas que o perseguiram, mas eles eram o produto de um estado mórbido, que cada vez mais se acentuava.

A voz de Vitorina, chorando a desonra, o desespero de Edmundo cobrindo-o de maldições no depósito de retirantes da ilha do Pina, soavam-lhe a todos os instantes nos ouvidos. O conforto suave da família, o recurso da ciência não lhe minoravam o tormento.

As funções do cérebro a doença havia mais ou menos pervertido. Os erros do comissário, como sombras pavorosas, passavam incessantemente pela imaginação, e a consciência implacável atirava o remorso, esfaimado abutre, para roê-lo.

Arruda não encontrava em sua vida um ato bom! Tudo o acusava, tudo se erguia para esmagá-lo! Queria um conforto, um lenitivo, mas a consciência apontava-lhe as faltas! Na agonia de seu abandono moral, nada o confortava! Uma noite, depois de ter-se debatido nas angústias da insônia, Arruda chorou! A idéia de uma reconciliação, não com a sociedade, porquanto talvez não fosse mais possível, mas com Deus, assaltou-lhe o espírito, como o único recurso legítimo que lhe restava.

Precisava de um medianeiro entre si e a Divindade, de quem o ajudasse a vencer os obstáculos que lhe vedavam o caminho. Quem o auxiliaria, pensava, quando de repente uma imagem desenhoulhe na imaginação: era a figura do padre Clemente. Arruda cobriu o rosto com as mãos e chorou. Pela manhã, levantou-se a custo e procurou a casa do sacerdote. Caminhava com dificuldade, os passos eram vagarosos, claudicantes e uma dispnéia aflitiva oprimia-lhe o peito. Só um esforço supremo fazia com que vencesse a distância que o separava da casa de Clemente.

A porta do padre já estava aberta e ele preparado para continuar a tarefa.

Simeão a custo conseguiu transpor o limiar da porta e caiu extenuado em uma cadeira.

O padre lançou-lhe um olhar comovido e se aproximou.

— Que tem, Sr. Arruda?

O comissário estava quase desfalecido. Banhava-lhe o rosto um suor gelado. A dispnéia aumentava, alimentada pela cinta beribérica, que, como um espartilho de ferro, constringia-lhe o tórax! Os pulmões pouco se dilatavam, embora a boca aberta procurasse enchê-los de ar! O beribéri havia dias traiçoeiramente destruía aquele organismo, e agora com marcha acelerada completava a obra.

Arruda quase não podia mais falar. Com grande esforço disse ao padre:

— Estou... às... por... tas... da... mor... te... me... per... doe... te... nha... pena... de... mim...

Clemente, penalizado, ajoelhou-se ao lado do enfermo. Era um desgraçado que se estorcia nas agonias da doença e pedia proteção. Prestou-lhe os socorros espirituais.

A moléstia progredia de um modo incrível; o enfermo já não podia estar recostado à cadeira. Com os olhos a saltar das órbitas, quase asfixiado, numa ansiedade mortal, sentia que lhe esmagavam o coração entre dois cilindros de ferro.

O padre conheceu que Arruda ia morrer. Não havia dúvida; era um moribundo e a família ignorava o seu estado. Desejando que a mulher e filhos lhe assistissem aos últimos momentos, deixou o criado velando à cabeceira do comissário e saiu apressado.

Edmundo da Silveira levou a noite toda a pensar. Pela manhã tinha os olhos pisados pela insônia. As palavras de Gervásio nada lhe influíram no ânimo. Fiel à promessa, antes de castigar Simeão de Arruda, foi à casa do padre Clemente, conferenciar com ele como prometera.

Parou à porta do sacerdote e viu estendida na calçada uma retirante. A imobilidade do corpo, algumas manchas de sangue próximas, chamaram sua atenção.

Silveira aproximou-se mais; a infeliz tinha o rosto coberto com a ponta do roto e imundo lençol. Descobriu-o e viu quase uma caveira!

— Que faz aqui, mulher?

A desgraçada respondeu a custo, mostrando uma criança recém-nascida.

— Batize, para não morrer pagão.

Aquela infeliz acabava de ser mãe, exposta como uma cadela sem dono.

Edmundo a tomou nos braços e entrou na casa do padre.

— Dá licença, senhor padre Clemente?

Constantino ficou surpreso com a visita, enquanto Arruda, reconhecendo Silveira, pôs as mãos em atitude de súplica, antes que o ferisse o raio de sua cólera.

Edmundo agasalhou a retirante e o filho na cama do padre, e, quando voltou-se para interrogar o criado, reconheceu o comissário:

— Miserável! Eis-nos enfim face a face!...

E marchou para Simeão.

— Que é isso, senhor?! Pretenderá porventura espancar um moribundo?! Se não respeita o enfermo, ao menos guarde o decoro devido à habitação de um justo, disse Constantino se colocando em frente de Edmundo.

— Ia privar-me de um gozo infinito, acabando com a corrente de crimes que te foi a vida. Ignorava se estavas moribundo, miserável! Apraz-me ver-te agonizar! De cada um dos teus estertores eu terei um contentamento, pois é infundo o ódio que te voto. E tens as mãos súplices!... A quem pedes compaixão?! A mim?! Responde tu mesmo, infame, se eu posso comover-me com tuas desgraças! Pergunta a ti próprio se te enterneceste quando à falsa fé me desterraste! Riste de minha desventura, é justo que eu escarneça às gargalhadas de teu martírio! Morres, Simeão de Arruda, quando eu queria que vivesses para gozar as delícias de matar-te!...

— Meu Deus!!... interrompeu a retirante sentando-se na cama. Edmundo correu ao lado dela.

— Simeão de Arruda!... O comissário!... O autor de minha desgraça!... O pai deste infeliz! exclamava Vitorina quase fora de si.

— Ouviste, miserável! A tua vítima te amaldiçoa! Deus a enviou até aqui, permitiu que teu filho nascesse no meio da rua, bem perto do lugar onde agonizava o monstro que o procriou, cometendo, quem sabe quantos crimes, disse Edmundo.

— Toma teu filho, perverso! Abusaste da força, obrigando-me por intermédio de teus assalariados a ir a uma festa de mulheres perdidas quatro dias depois da morte de minha mãe! Embriagaste-me entre ameaças, e depois... ai!... depois abusaste covardemente de minha inconsciência e eis o fruto de tua perversidade!

Vitorina, por um esforço supremo, levantou-se da cama, aproximou-se de Simeão e lançou-lhe o filho nos braços; depois caiu exausta e sucumbiu instantaneamente, vítima de uma hemorragia violenta.

Edmundo comoveu-se com aquela cena. A retirante, como uma figura de cera, jazia no chão dentro de um lago de sangue.

Constantino chorava comovido e aterrado.

O comissário debatia-se nas agonias da morte. Os membros se relaxavam, os olhos já sem luz se volviam para o céu e os estertores dos últimos instantes saíram dos lábios.

Constantino, vendo que Simeão se aproximava do termo da viagem, tirou da banca a imagem do Crucificado, acendeu uma vela do Santo Sepulcro e se aproximou do moribundo.

Edmundo batizou o recém-nascido e, já cadáver, deitou-o no regaço de sua mãe.

O comissário agonizava, tendo a imagem de Cristo sobre o peito e uma vela acesa na mão.

— Eis a imagem do Crucificado! Aperta-a com força ao coração: reconcilia-te com Deus, arrepende-te de teus erros que estás à beira da sepultura. Eu te perdôo, porque não levo o meu ódio ao túmulo; não porque sejas digno de minha compaixão, disse Edmundo, afastando-se do comissário.

Constantino, fiel continuador dos costumes de seus antepassados, ajoelhou-se junto ao moribundo, para *ajudá-lo a bem morrer*. Estúpida e bárbara cerimônia que tantos séculos de civilização ainda não puderam acabar, até nas classes mais cultas da sociedade.

A agonia se prolongava. O criado de Clemente, apertando a vela acesa na mão do morto, gritava-lhe ao ouvido em voz cavernosa e sombria:

— Lembre-se do nome de Jesus, irmão! Lembre-se do nome de Jesus, irmão! Lembre-se do nome de Jesus, irmão! Jesus seja contigo! Jesus seja contigo! Jesus seja contigo! Jesus, misericórdia! Jesus, misericórdia! Irmão, chegou a tua hora! Irmão, chegou a tua hora! Irmão, chegou a tua hora! Jesus seja a tua guia! Jesus seja a tua guia! Jesus seja a tua guia! Jesus! Jesus! Jesus!

A cela do padre havia-se transformado em pouco tempo em um necrotério. O silêncio era sepulcral. Edmundo estava de pé, de braços cruzados, e Constantino, ajoelhado entre os mortos, rezava em voz baixa.

O padre Clemente entrou, acompanhado da família de Arruda.

A viúva viu o cadáver e caiu sobre ele, sufocada em pranto. Os filhos cercaram-no chorando as lágrimas da orfandade.

O padre, ajoelhado a pouca distância do grupo, orava com fervor, entoava preces pela alma do morto e pedia a Deus o conforto, a resignação para a desolada família.

Edmundo rendera-se completamente às emoções. Prostrado, comovido, implorava a paz da eternidade para os mortos e lenitivo às dores cruciantes daqueles que se deixavam abismar em tamanha desventura. Clemente, depois de orar, foi surpreendido pela presença de mais dois cadáveres. Edmundo e Constantino contaram-lhe o que se havia passado.

O padre abriu a fonte consoladora da religião de Cristo, levou ao coração dos aflitos em palavras piedosas e edificantes o bálsamo suave da resignação.

A viúva e os órfãos ouviram-no meio atordoados. As frases ungi-das de ternura e consolação daquele coração virtuoso e justo, lhes

penetraram na alma, e todos juntos, na mais fraternal união, prostraram-se diante do Crucificado e oraram fervorosamente.

Clemente conservava a energia de seu espírito forte e, depois da oração, consolou ainda os tristes, e procurou enterrar os mortos.

CAPÍTULO XXX

O DR. GERVÁSIO foi pela manhã procurar Edmundo e já não o encontrou. O dia cresceu, declinou e nada do amigo voltar ao hotel. Havia justas razões para o doutor inquietar-se, pois já havia dado um passeio pela cidade, a fim de ouvir alguma coisa que o orientasse e nada!... Resolveu-se a ir ao palácio da presidência; lá poderia saber se o conflito se teria dado.

A secretaria do governo, às cinco horas da tarde, ainda funcionava. Sem se fazer anunciar, o Dr. Gervásio entrou para o gabinete do presidente.

O secretário, oficial-de-gabinete e o administrador da província, sentados ao lado de uma banca sobre a qual estava um grande maço de ofícios, fechados uns, outros abertos, liam algumas dessas peças, enquanto, a pouca distância, sentados em um sofá e cadeiras de descanso, conversavam e fumavam alguns amigos da situação.

O doutor cumprimentou o presidente e os circunstantes e foi-se incorporar ao grupo, que palestrava. O crescido número de visitantes indicava grande novidade.

A hora estava adiantada; era tempo de cada um retirar-se para jantar, e, em vez de diminuir, o número de visitas aumentava. Havia indivíduos que se mostravam enfatiados de esperar, criaturas pacientes que desde uma hora da tarde iam-se deixando ficar, na esperança de os deixarem a sós com o presidente. Mas qual! Todos tinham isso em vista e ninguém se retirava.

O presidente, acabrunhado de trabalho, importunado com a presença daqueles ociosos, deixava-se na mesma posição, em uma postura toda estudada, com os olhos pregados no papel, que fingia ler, mas, pela expressão abstrata da fisionomia, podia-se afirmar que sua imaginação errava muito longe daquele sítio. O secretário pedia-lhe atenção sobre algum período dos ofícios; o presidente lançava um olhar demente sobre o papel, deixava depois coar-se, através do bigode negro, uma lenta baforada de fumaça do charuto e ainda em completa abstração, numa postura toda cômica, meneava a cabeça, mostrando-se entendido. A tarde adiantava-se bastante. Já entre os visitantes reinava absoluta falta de assunto. Depois de uma palestra indigesta, árida, insuportável, o silêncio da expectativa!

O cabo-de-ordens entrou com uma carta para o presidente. Nela se fitaram olhares curiosos. Se fosse possível devassar-lhe o segredo! Lida a carta, disse o administrador para o secretário:

— Morreu o comissário Simeão de Arruda.

Gervásio perturbou-se vivamente e perguntou:

— De quê?

— Não dizem, respondeu o presidente com amabilidade.

O cabo-de-ordens voltou um instante depois, com mais quatro cartas. A vaga do comissário dava assunto a toda aquela correspondência. Os amigos da situação que ali se achavam todos, sabiam da morte de Arruda e vinham apresentar à clemência do administrador os nomes de alguns protegidos. E com que títulos os recomendavam para um lugar não remunerado! Além das virtudes cívicas, dos predicados de honrado, ativo, inteligente, onerado de família, mais ainda o de *liberal*! As cartas recebidas pelo presidente eram de recomendação e a todos sobressaltavam.

Era cômica e ridícula a teimosia do grupo de políticos. A impaciência e ansiedade manifestavam-se bem na falta de quietação dos corpos, a se moverem procurando posição cômoda e sem a encontrar. Seis horas sentados em atitude respeitosa, era já um suplício, a que se sujeitavam de boa vontade.

O administrador, depois que leu a última carta, disse ao secretário:

— Está acéfalo o abarracamento de ...; é preciso nomear um comissário.

Havia necessidade urgente de ser provido o lugar que acabava de vagar, mas o presidente deleitava o seu orgulho vendo subordinados à sua vontade todos aqueles tipos. Cevava o amor-próprio à custa da subserviência daqueles cortesãos.

A pertinácia dos pretendentes ao lugar de comissário iria longe; não enfraqueceria com a noite inteira.

O jantar presidencial estava servido. O criado veio ao gabinete e comunicou isso ao amo, em voz bastante audível. Ainda assim a assembléia não se dissolveu! Olharam uns para os outros e foram-se deixando ficar.

O presidente levantou-se e os convidou à mesa. Deixaram as cadeiras e, em vez de procurarem a rua, se espalharam pelos corredores e jardim, nos lugares por onde devia passar o administrador.

Um dos chefes políticos seguiu conversando com o presidente. Deram alguns passos e ficaram de pé conversando, numa palestra importuna, difícil de termo. Era a nomeação do comissário para um mártir da situação. Havia um quarto de hora que durava o pedido, quando o administrador, homem de grande talento e conhe-

cedor das fraquezas do espírito humano, fez uma meia promessa, despediu-se e continuou o caminho. Não dera dez passos quando outro tipo lhe saiu ao encontro.

Foi longa a palestra. Lembraram-se serviços ao partido, necessidades políticas a satisfazer, compromissos antigos, e finalmente o dever de amparar o correligionário que estava a morrer de fome com a família.

O presidente viu-se abarbadado com o importuno, e, para se ver livre, disse-lhe que tomaria na devida consideração o pedido. Mais adiante, aguardava a passagem do governo⁶⁰ um outro amigo. Não havia remédio senão parar e ouviu a mesma história. Esta foi mais longe, durou talvez meia hora.

O presidente seguiu, supondo que ninguém lhe estorvaria mais o caminho, mas enganou-se. Seis tipos, como sentinelas perdidas, esperavam sob as arcadas da extensa galeria a passagem do administrador.

De estação em estação, parando em todos os passos, como um penitente de via-sacra, seguiu o presidente, até que, morto de fadiga, chegou muito depois de oito horas da noite, à sala de jantar. A todos tinha ouvido e prometido atender. Faltava-lhe somar o valor político e oficial dos protetores, e o que atingisse o maior algarismo, seria o preferido.

Gervásio, que nada pretendia, além da notícia do amigo, logo que o administrador entrou, voltou para o hotel.

Edmundo já o esperava.

Absorto ainda na contemplação⁶¹ das cenas do dia, se deixara ficar no quarto, sentado em uma cadeira, meditando.

Gervásio foi encontrá-lo assim.

— Edmundo, morreu o comissário Simeão de Arruda?

— Ouvi-lhe o último suspiro.

— Como? Mataste-o? Fala! dize!

— Não, Gervásio, não.

— Eu te desconheço! Estás triste, pensativo, pálido! Estás doente?

— Não, Gervásio: depois da sucessão de cenas tristes, o espírito adocece. É preciso o repouso, o sono. Sinto a alma cansada! Minha fadiga é toda moral.

— Queres que te deixe só?

— Não, vou contar-te o que se passou.

E Edmundo relatou os acontecimentos que tiveram lugar em casa do padre Clemente.

⁶⁰ Era comum, ao tempo, no Ceará, usar-se *governo* em lugar de *governador*.

⁶¹ Um dos muitos descuidos de R.T., no tocante à propriedade das palavras. Onde está *contemplação* devia ler-se *recordação*, *recomposição*.

CAPÍTULO XXXI

CONTINUAVA A SECA. Mais alguns milímetros de água durante a última estação invernosa alentaram a esperança de salvação nos habitantes da província, que no mais completo desconforto arcavam contra o flagelo.

Os vitimados pela calamidade aplaudiram as primeiras espigas de milho e vagens de feijão vingadas nas serras à custa de chuvas finas e parciais. Recordavam-lhe o tempo da abundância; aqueles cereais e legumes como que preludiavam uma época de paz, de abundância. Ainda assim a dúvida os perseguia e queriam emigrar, queriam sair, para o espírito convalescer das dores com que o infortúnio desapiadadamente os ferira!

Inácio da Paixão ouvira contar sempre histórias fabulosas, verdadeiras maravilhas dos seringais do Amazonas. A árvore da borracha, diziam, é a árvore do dinheiro, cada gota de leite que verte se transforma em ouro! Com o fim único de acumular riquezas, tomou passagem na barca *Laura*, que seguia em lastro para o Pará.

Os jornais da Fortaleza, dias depois da saída do navio, noticiaram que havia naufragado, morrendo passageiros e tripulação.

A ser exata a notícia, Inácio era morto. Deu-se o sinistro, mas ele escapou, com muitos passageiros, e logo que chegou a Belém, foi engajado pelo proprietário dum seringal do rio Purus. Lá o esperava o trabalho e a doença. O organismo estranhou o clima quente e úmido, e o estômago recusou a alimentação do *pirarucu* e tartaruga. O costume, que tudo dobra, em pouco tempo, amoldou Inácio àqueles hábitos. Mas às intempéries, ao veneno palustre, se habituaria também?

Não; a febre o derribou, e só depois de uma luta terrível de mais de trinta dias, pôde triunfar da moléstia. Veio a convalescença, as forças voltaram e a saúde. Dois meses de sofrimentos foram o tributo de aclimação naquele clima insalubre. O patrão, no dia que deu por pronto⁶² continuou a trabalhar, disse-lhe que não perdesse tempo, pois estava grande o seu débito. Inácio contrariou-se muito. As despesas com dietas e remédios eram excessivas, e sobre elas o prêmio de dez por cento por mês! Ficou moralmente enfermo; o seu cativo seria de anos! Passada a má impressão, pensou seriamente na vida e se decidiu a vencer pelo trabalho. Redobrou de esforços e internou-se nos seringais, em uma lida afanosa, a lutar pela liber-

⁶² Chamava-se *pronto*, na linguagem típica dos seringais amazônicos o nordestino que, chegado como *brabo*, tempos depois, era tido como experiente da vida em contato com a selva, no trato da borracha.

dade. Era uma vida de selvagem! Passava os dias dentro dos alagados, às vezes com água até a cinta, mal alimentado, e ainda, por cúmulo de sofrimento, exposto às picadas dos *carapanãs*, *piuns* e de outras pragas, que vivem naquelas regiões. Assim viveu dois meses, findos os quais se apresentou ao patrão e pediu a conta do que devia. Surpresa horrível! Apenas a borracha que tirara e entregara, dera para o pagamento da alimentação e juros do dinheiro. A borracha descera de quatro mil-réis para mil e poucos réis o quilo, e os prejuízos do patrão pagá-los-iam os engajados.

Inácio caiu em um estado de desânimo penosíssimo; a dívida antiga ficara de pé! Nunca mais se libertaria! Tentou fugir, mas a fuga só se podia efetuar em canoas. Foi ter à margem do rio, e à primeira montaria⁶³ que apareceu, fez sinal que aproasse. Aproou e, minutos depois, estava à fala com o mestre:

- Pode levar-me como passageiro?
- Conforme. Traz o passe do patrão?
- Não tenho amo. Ando a passeio. Leve-me.
- Não caio eu nessa; assim me têm dito muitos que são cativos, porque devem os cabelos da cabeça.

E o mestre manobrou a montaria, se afastando da margem do rio.

Inácio perdeu a esperança de fugir. Ninguém o levaria. Entre os proprietários de seringais, autoridades, mestres de embarcações havia um contrato de lucros recíprocos, a fim de vedarem inteiramente o transporte de engajados, quando não conduzissem o *passe*. Essa infração das leis garante aos proprietários dos seringais o meio seguro de fazerem grandes fortunas à custa do trabalho do engajado, sempre cearense, que, uma vez lá, é muito difícil libertar-se.

Inácio da Paixão continuou a trabalhar, mas sem esperança. A alimentação, o vestuário, o fumo, a aguardente eram fornecidas pelo patrão e por preços exorbitantes! Agora lhe custaria mais sofrer as pragas, o frio, a fome. Expiava de um modo cruel a sua falta. E as nuvens escuras lhe sombreavam o futuro! Procurara as inóspitas regiões do Amazonas para ganhar com que saldar a dívida de honra. E agora fechavam-se-lhe os horizontes! Nem a dívida seria paga, e mais, nunca, esposa, os filhos, a pátria, a liberdade!

A paixão pelo jogo acompanhou-o ao degredo. Foi o algoz, o gênio mau que precipitou-o no abismo, e no entanto é agora o seu melhor amigo, o suave conforto nas tribulações. Quando joga, esquece tudo.

⁶³ Pequeno barco de muita voga nos rios amazônicos. Na maioria dos casos, comporta no máximo duas pessoas.

Uma noite jogavam os paroaras, o *trinta-e-um-de-boca*, Inácio *aperuava*. Alguns tostões, único fruto das pequenas economias, pesavam-lhe menos na algibeira que o desejo de atirá-los à sorte da mesa do jogo. Foi uma tentação irresistível! A última vez que jogara a dinheiro foi no *tronibone*. Não se conteve, não se dominou, e parou. Ganhou e continuou a ganhar. Em pouco tempo passaram a seu poder as economias dos companheiros: importavam em nove mil-réis. Na manhã do dia seguinte apareceram os negociantes ambulantes, que levavam mercadorias a vender. Entre eles havia um que vendia bilhetes de loteria.

Inácio examinava os gêneros, quando viu os bilhetes. Ficou fascinado; comprando algum, era uma esperança que nascia, uma esperança que valia tudo nos seus dias de desgostos e tribulações.

Empregou todo o dinheiro em um bilhete. Um mês depois voltavam os mercadores e traziam a lista da loteria.

Inácio examinou a lista com impaciência, e qual não foi o seu espanto quando viu que o número que possuía estava premiado com dez contos de réis!

— Dez contos de réis!! exclamou chorando.

Ser livre, saldar a dívida de honra, voltar à pátria, abraçar a esposa, beijar os filhos, foram os seus primeiros pensamentos.

Inácio apressou-se em descontar com o cambista o prêmio e recebeu nove contos de réis.

Depois dirigiu-se à casa do patrão. Pagou-lhe o que devia, recebeu o passe e partiu para Belém, onde se demorou somente o tempo necessário a esperar a passagem do paquete.

A bordo do *Bahia* embarcou para o Ceará, como passageiro de proa. Um dia, depois da estada no navio, viu que alguns dos companheiros jogavam. Inácio entristeceu-se vivamente. Tinha descoberto um abismo a seus pés. Afastava-se quanto possível do jogo, e sentia que o arrastavam. Acovardado, trêmulo, pálido, se dirigiu ao comandante do vapor, e pediu-lhe que guardasse o dinheiro que conduzia.

O comandante se recusou tratando-o com acrimônia.

Inácio ouviu-o com humildade, e com o coração nas mãos suplicou:

— Senhor, por piedade guarde este dinheiro! É o pão de meus filhos. Volto dos seringais do Amazonas, onde sofri por espaço de dois anos. Este dinheiro em meu poder o perderei antes de chegar ao Ceará! Jogam a bordo, e o vício do jogo é uma tentação que me domina, a que não posso resistir. Senhor, guarde o pão de meus filhos pelo amor de Deus.

Tal foi a franqueza de Inácio que o comandante recebeu o dinheiro. Salvo de perigo, voltou tranqüilo à proa do navio, mas gas-

tava as noites e os dias em *aperuar* o jogo. Um dia tal foi a tentação que teve ímpetos de ir ao comandante pedir o dinheiro. Com vergonha, não foi.

Quatro dias durou a viagem de Belém a Fortaleza.

O *Bahia* fundeou às duas horas da tarde, e momentos depois Inácio da Paixão pisava as alvas areias de sua terra.

CAPÍTULO XXXII

INÁCIO DA PAIXÃO chegara, havia quatro dias, e ainda não lhe tinha sido possível saber notícias da família. Embalde percorreu a cidade e os arrabaldes, e sempre infrutíferas eram as pesquisas! Visitara todos os abarracamentos e nada de novo! Não descansava, caminhava sempre, como o Ashaverus da lenda, e o mesmo silêncio, o mesmo desconforto a minar-lhe a alma! À noite, procurava o leito e o sono fugia. Se dormia alguns instantes, os mais horríveis pesadelos o atormentavam. Erguia-se com o sol e errava de palhoça em palhoça, a tudo consultando, ouvindo a todos e murmurando a cada instante:

— Onde estarão?

A noite chegava e com ela o desengano! Mais um dia perdido, mais uma esperança morta.

Inácio não pensava senão em descobrir os filhos. Faltava-lhe ir à pedreira; talvez a mulher se confundisse na onda maltrapilha dos carregadores de pedras. Era esta a última esperança. Assim animado, foi ao trapiche e, encostado a uma das colunas, esperou que os retirantes voltassem do Mucuripe. Olhava pensativo para a vastidão do mar. O murmúrio das vagas, os assobios monótonos do vento, coando-se nas fendas do assoalho da ponte, lhe aumentavam as saudades. Aquela alma de pai se recolhia, e, sem alento, meditava.

As turmas de retirantes já se avistavam ao longo da praia. Inácio tinha-as visto e esperava-as com impaciência.

O cortejo se aproximava cada vez mais. Já se divulgavam os rostos bronzeados dos indigentes, já se distinguiam bem os trapos que cobriam a nudez, ouvia-se distintamente o som da vozeria dos levianos, a zombar de tudo.

Os retirantes começaram a passar pelo trapiche e Inácio não perdia uma só das fisionomias. O semblante de um velho, que seguia a passo lento, de longe o tinha impressionado. Olhava-o com atenção e, quando o indigente ombreou-se com ele, exclamou:

— Valentim!...

— Inácio! . . .

O velho largou a pedra, e um estreito abraço aproximou os corações dos dois amigos, havia muito tempo separados.

— Minha mulher, meus filhos, Valentim?! . . .

— Retiraram-se para aqui também, e nunca mais os vi! . . .

— E o primo Manuel de Freitas?

— Vem aí.

Inácio reanimou-se; era uma esperança que nascia.

— Eu sigo, Inácio; minha turma já vai longe, eu caminho muito devagar; adeus.

— Adeus, Valentim.

Inácio afastou-se um pouco do lugar em que estava, e ansioso aguardava a passagem de Manuel de Freitas.

O seu desejo foi em breve satisfeito. Apareceu a figura respeitável do ancião, grave e severa como sempre. Trazia uma grande pedra ao ombro, passo firme, porém pausado, e olhos fitos no chão.

Inácio não se pôde dominar e chorou. Quis ir ao encontro do primo e não teve forças! As reminiscências lhe chumbavam os pés no solo. Amesquinhado perante a idéia de seus crimes, envergonhado diante da própria consciência, que lhe mostrava os andrajos de Freitas e a penúria a que estava reduzido, se deixou ficar, sem coragem de se enfrentar com o parente, que passou a pouca distância, mas sem vê-lo. Inácio seguiu-o comovido.

Os retirantes, depois de deixarem as pedras na estrada de Messejana, voltaram à pagadoria, a receber as rações. Distribuídos os gêneros, se dispersaram.

O coronel seguiu para casa, e Inácio o acompanhou, guardando distância. Josefa esperava o marido à porta da rua.

Freitas entrou e o primo ficou de pé, a alguns passos, sem coragem de aproximar-se. Estava indeciso. Em si lutavam a vergonha e o desejo ardente de notícias da família.

Inácio não pôde mais resistir, chegou à porta e se anunciou com algumas palmas. Freitas saiu a recebê-lo.

— Inácio! . . .

— Primo Manuel! . . . disse comovido, abraçando o parente.

— Estou surpreendido; tinha-te por morto! . . .

— Antes de tudo, por quem és, perdoa a minha falta!

E quis se prostrar aos pés do coronel.

Freitas não consentiu que se ajoelhasse e disse:

— Perdoei-te desde o dia em que chegou a meu conhecimento a tua fraqueza. A tua falta arrastou-me ao estado que vês e contudo eu não te amaldiçoei. Perdoei-te, Inácio, se bem que me doesse mais tua ingratidão, o abuso de confiança, do que a penúria a que fiquei

reduzido. Não pretendia te dizer uma palavra sobre o passado. Perdoei, como já disse, tua falta. Os sofrimentos do degredo sirvam-te de lição, e de agora em diante pede a Deus que te ajude a não te afastares mais nunca do caminho do dever.

Inácio chorava de vergonha!

— Obrigado, mil vezes obrigado, Manuel. A grandeza de sua alma, a generosidade de seu coração fizeram-me conhecer a minha pequenez e que me envergonhasse. A enormidade de minha falta é tal, diz-me a consciência, que só merecia a sua maldição! E quando esperava que me ferisse um raio de sua cólera, que me fizesse sair de sua casa como um bandido, me abre as suas portas e complacente procura suavizar as minhas dores, perdando o grande crime que cometi. Mil vezes obrigado, Manuel!

— Esqueçamos o passado, Inácio.

— Minha mulher, meus filhos, onde estão?

— Emigraram antes de mim. Deixei-os partir porque eu era também desvalido. Retê-los era sacrificá-los, e por isso consenti que procurassem a salvação. Depois que cheguei aqui, não os vi.

— Meu Deus! Quanto terão sofrido! Eu previa tudo isso! Como sou infeliz!...

— Coragem, Inácio, ainda os poderás encontrar. Talvez resistissem à calamidade e vivam por aí, esquecidos em algum recanto dos abarracamentos. Procura-os com esperança, com calma, e talvez não continuem infrutíferas tuas pesquisas.

Josefa e Carolina, que do interior da casa tinham conhecido a voz de Inácio, apareceram na sala.

— Primo Inácio!...

Dirigiram-se a ele e o abraçaram.

Inácio chorava, como também as primas.

— Manuel, os meus sofrimentos, talvez não tenham fim; porém, um dos pesos que dia e noite me esmaga a consciência, quis a sorte que eu pudesse aliviar. Posso saldar a dívida que contraí, quando me fiz mau. Tenho que pagar religiosamente a quantia de que me apossei sem o seu consentimento.

E tirando do bolso um maço de notas do tesouro, papel e lápis, continuou:

— Quero prestar-lhe minhas contas, dar-lhe ciência da venda dos escravos.

O coronel suspirou; a posse daquele dinheiro, embora nos dias escuros da indigência, o contrariava; era o produto de infelizes criaturas, que foram tão suas amigas, e muitas das quais vira nascer.

Inácio entregou a Freitas papel, lápis, e disse-lhe:

— Faça a conta, Manuel.

O coronel recebeu o papel e disse:

— Podíamos dispensar essas formalidades.

— Tornam-se indispensáveis, porquanto não sei ao certo em quanto somam as parcelas.

Freitas resignou-se a passar por mais uma cena que deveras o contrariava.

— Posso começar? perguntou Inácio.

O coronel moveu afirmativamente com a cabeça.

— Simeão, vendido por um conto de réis.

— Pobre Simeão!... Quantas vezes carregaste em teus ombros o meu Joãozinho! interrompeu Josefa.

Freitas escreveu a primeira parcela no alto do papel.

Inácio continuou:

— Anacleto, novecentos mil-réis.

— Infeliz Cleto, mamãe! Se me fosse possível pagar-lhe aquela dívida de gratidão! Salvou-me a vida, arriscando a sua, disse Carolina.

— Sebastião, julgado pelo médico doente do coração, vendido por cem mil-réis.

— Desgraçado! Além de enfermo, vendido, e quem sabe a que senhor! Tão humilde que era! Tão manso, que nas minhas horas de mau humor não tinha uma palavra áspera para sua senhora! Tinha um coração bom, era tão amigo de seus senhores!...

E o pranto interrompeu Josefa.

— Filipa, vendida por seiscentos mil-réis.

Josefa e Carolina não puderam resistir mais àquela cena e retiraram-se para a pequena alcova, onde choraram sem consolo.

Inácio continuou:

— Bernardina, a última da partida, vendida por oitocentos mil-réis.

— Bernardina!... a jangada!... foge!... vendida!... o mar... exclamou Filipa, que tinha vindo, sem ser vista, unir-se ao portal mais próximo de Inácio da Paixão. Depois soltou uma gargalhada desconcertada, aguda, estridente, que pareceu abalar até os alicerces da habitação. A louca arregalava os olhos, querendo reconhecer Inácio. Seus esforços eram baldados, porque a razão estrebuchava enferma e as idéias erravam à toa no cérebro doente.

Freitas, comovido, assistia àquelas cenas. A última nota do grito da louca ainda ecoava como uma maldição em sua alma angustiada.

Inácio falou:

— Em quanto soma?

Freitas entregou-lhe o papel.

— Três contos e quinhentos mil-réis, não incluindo os juros. Diga a taxa para fazer o cálculo, disse Inácio, depois de ter somado as parcelas.

— Não me pagarás um real pelo empate da quantia que me queres restituir.

Inácio entregou o dinheiro ao coronel. Depois, pediu a Freitas que fosse depositário de outra quantia, e entregou ao primo um maço de notas do tesouro.

— Onde estás, Inácio?

— Tomei um quarto em uma hospedaria.

— Esta casa está à tua disposição.

— Aceito, Manuel, porém não se inquiete se eu não voltar antes da noite; vou errar por aí procurando o que talvez já não existe.

E Inácio, apertando com reconhecimento a mão do primo, saiu a fim de continuar a tarefa.

Onde estarão, em que pedaço da terra se esconderão aqueles infelizes?... pensava, caminhando sem destino.

Andou o resto do dia, revolveu quatro abarracamentos, indagou de todos, e sempre o mesmo silêncio, sempre a barreira escura do desconhecido a separá-lo dos filhos! Voltava pela Rua da Palma,⁶⁴ já ao pôr-do-sol, e tão triste que fazia dó vê-lo. Gelava o coração a desesperança e o desconforto ia-lhe ao fundo da alma.

Uma menina cega cantava à porta de uma casa a copla seguinte:

A ceguinha que aqui vedes
Tinha olhos, via a luz;
E agora, irmãos, pede esmolas
Pelo sangue de Jesus.

Inácio ouviu o verso e parou. As notas daquela súplica o comoveram e se aproximou da ceguinha. Que contraste! A voz harmoniosa, saía de uma criatura horivelmente deformada pela varíola; feia como um sapo e repugnante pelas úlceras que lhe cobriam as pernas.

Inácio olhou-a com compaixão.

A ceguinha acabou de receber a esmola e agradeceu:

Bendito seja quem ouve
Da pobre cega o pedir
Jesus o queira amparar
Quando estiver pra cair.

A Inácio cada vez mais impressionava aquela voz. Lembrou-se da filha mais velha; facilmente a reconheceria; porém, assim comple-

⁶⁴ Chamava-se assim, ao tempo, a parte da hoje Rua Major Facundo que vai do Passeio Público, ao norte da capital cearense, até a Praça do Ferreira.

tamente desfigurada, com a máscara da varíola, era impossível. Não se conteve e se aproximou mais.

— Aqui está uma esmola que também lhe dou.

A ceguinha não recebeu a moeda e surpreendida levou as mãos aos ouvidos protegendo-os contra a corrente de ar e procurando recolher todas as modulações daquela voz que parecia conhecer; depois perguntou:

— Quem fala?

— Inácio da Paixão.

— Papai! Papai!

— Minha filha!!

E o mais apertado abraço uniu aqueles corações que pulsavam do mais santo e sublime dos sentimentos.

Passados os primeiros acessos da violenta emoção, Inácio perguntou à filha:

— Tua Mãe, Maria, teus irmãos.

— Morreram todos de bexigas, no lazareto.

— E tu onde ficaste, minha filha?

— Na rua, sozinha e cega. Saí do hospital, onde ceguei das bexigas, andei de porta em porta, pedindo esmolas e, à noite, dormia no adro da matriz. Assim vivia, quando esta mulher que me guia levou-me para a sua casa.

— Agradeço-lhe os favores que fez à minha filha, esta infeliz.

— Não, papai, agora que já não estou só no mundo, conto-lhe como esta mulher me maltratava. Obrigava-me a andar, desde que amanhecia até que anoitecia, cantando a pedir esmolas, e, quando cansava e pedia descanso, me açoutava. Veja estas feridas; doíam-me tanto! Quando caminho muito, botam sangue, que chegam a molhar os pés! E nem um dia me deixava ficar em casa para descansar! Recebia todo o dinheiro que me davam e quase não me dava de comer!

Inácio voltou-se encolerizado para a perversa que tanto lhe maltratara a filha, mas achou-se só; a retirante havia desaparecido. Quis segui-la, mas a filha conteve-o:

— Papai, não me deixe só, deixe ir aquela malvada.

— Então ela te castigava?

— Todos os dias!

— Miserável! Não se contentava em comer à custa da menina e ainda surrá-la sem motivo!

E os olhos de Inácio faiscaram de cólera.

— Irás viver de agora em diante junto de teu pai; ele viverá somente para ti, minha filha.

— Sim, papai, você não me deixará mais nunca, não é assim?

— Não, Maria, não te deixarei.

E Inácio da Paixão, tomando a filha pela mão, dirigiu-se para a casa de Manuel de Freitas.

Durante o trajeto não trocaram uma palavra. A menina porém ouvia, de quando em quando, um soluço que estrangulava a garganta do pai.

CAPÍTULO XXXIII

EDMUNDO DA SILVEIRA partiu com o Dr. Gervásio para o interior da província. As despedidas à noiva fê-las na véspera da viagem.

Carolina ficou chorosa.

Os dois amigos seguiram para a vila de Canindé, onde se deviam separar, indo Gervásio para a comarca e Edmundo à cidade de Natal, tirar as certidões para o casamento, e receber alguns bens, herança do seu tio padre.

Na manhã do quarto dia de viagem entraram na vila. Algumas ruas de casas de *taipa* e tijolo, mal alinhadas, faziam um perfeito contraste com um bonito templo edificado em uma pequena elevação do solo. A leste da igreja deprimia-se o terreno, formando quase uma espiral, marginada por grandes barreiras entre as quais no inverno corria o rio, mas agora o leito de areias estava completamente seco.

A igreja, cuja celebridade vem de longa data, é uma das mais ricas da província.

S. Francisco de Chagas é o orago. Recebe anualmente visitas de milhares de romeiros, que de todos os pontos do Ceará e até das províncias limítrofes, vão levar-lhe suas oferendas, tal é a fama de que goza. Muitos caminham, descalços, dezenas de léguas para Canindé, a fim de varrerem a igreja de S. Francisco. Outros vão até lá, para rodearem de joelhos a igreja três vezes. O povo acredita piamente na influência do bem-aventurado junto à divindade. Raro é o dia em que à igreja não chega um crente para se prostrar diante da imagem de S. Francisco das Chagas e entregar ao seu procurador dinheiro, cera branca, azeite doce, etc.

Além de tudo, como testemunhas do milagre, como atestado da graça a provocar a admiração das gerações futuras, deixam o favor, que receberem do santo, em toscas esculturas de madeira. E que verdadeiros milagres cobertos da poeira do tempo na sacristia da igreja! Desde a nojenta úlcera até o repugnante cancro vê esculpidos em

madeira ou cera. Fatos tão estupendos, como a ressurreição de Lázaro!⁶⁵

Gervásio conversava com Edmundo, atravessando as ruas; admiravam o templo em relação à pobreza da edificação particular. Iam pedir hospedagem, quando foram surpreendidos por um rumor longínquo que vinha do sul da vila. A bulha se aproximava. Já se percebia o som de muitas vozes.

Os viajantes pararam e, voltados para o sul, ficaram atentos. Não esperaram muito. Um séquito imenso apareceu ao longe. A vozeria era infernal. Os sons das palavras fundiam-se num só ruído que, confuso e surdo perdia-se no espaço, em pausadas ondulações.

A população da vida, avistando o séquito, se recolheu.

Gervásio e Edmundo ficaram sós na rua, em frente do grupo, que se aproximava. O que será aquilo, perguntava um ao outro, quando se abriu uma porta com que enfrentavam: apareceu um homem e disse-lhes fechando-se logo depois:

— Fugam! Os Calangros!

— Calangros, Edmundo?

— Sim, salteadores que atacam, roubam e matam.

— Não há mais tempo. Já nos viram.

— Morra o malvado! Morra o Punaré!

Estes gritos haviam-se destacado da vozeria e chegaram aos viajantes, que imóveis, firmes, esperavam a agressão.

O séquito tinha chegado ao centro da vila e parado à porta de uma casa das melhores, da rua.

— Não são salteadores, Gervásio. Vê que estão de pé e armados de cacetes. Os Calangros andam montados e debaixo do *cangaço*.⁶⁶ Vamos até lá?

— Vamos.

E partiram a galope para o lugar do ajuntamento.

Um grupo de mais de cem homens, descalços, vestidos de camisa e ceroula, com cacetes, cercavam um indivíduo de cor preta.

— Saia a autoridade! Saia a autoridade! gritavam à porta, que se conservava fechada.

Os viajantes apearam-se e romperam o ajuntamento até o centro. Estava ali a causa da reunião. Um homem bastante alto, musculoso, cor preta, de feia catadura, olhar feroz, tendo os braços amarrados,

⁶⁵ Decorrido mais de um século da época em que está situado o romance, o que R.T. descreve, com relação a Canindé, continua a registrar-se, malgrado a evolução dos costumes.

⁶⁶ Para o caso do emprego, no texto, preferimos a acepção dada por Euclides da Cunha, em *Os sertões*: "Complexo de armas que trazem consigo os malfeitores que infestam as estradas do interior."

vinha preso à presença da polícia. Perto dele o esqueleto de uma criança dentro de um cesto.

Gervásio dirigiu-se ao indivíduo que segurava as cordas do preso:

— Que fez este homem?

— Este malvado, senhor, esta fera matou um menino e comeu-o. . .

— Será possível?

— Estão naquele cesto os ossos; foi pegado como a onça na carniça!

O preso olhou o informante e rosnou como um cão de fila. Essa manifestação de ódio não passou despercebida.

— Bota água nas cordas, João, para a onça rosnar mais.

Um rapazito se aproximou do preso e molhou as cordas que lhe apertavam os braços. O preto olhou-o com uma ferocidade inaudita! Depois rangeu com tanta força os dentes que se partiram alguns, caindo-lhe das gengivas sobre o peito gotas de sangue! Gervásio compadeceu-se e falou:

— Por que o torturam, fazendo apertar mais as cordas?

— É pouco, senhor! Diz V. S^a porque não viu a mãe do menino correndo doida pelo mato, quando reconheceu a cabeça do filho, do único filho que tinha! . . .

As cordas haviam apertado tanto os braços do preso que quase tocaram o osso! Os antebraços e mãos estavam disformes pela inchação!

A indignação era geral, todos gritavam:

— Morra o Punaré! Morra o malvado!

Gervásio, temendo que em uma daquelas exasperações mais se exaltassem os ânimos e punissem o crime cometendo outro crime, aproximou-se da porta da autoridade policial, bateu e disse:

— O povo traz um criminoso para entregar à justiça.

Minutos depois, o delegado de polícia, receoso, abria a porta e conferenciava com Gervásio.

Preenchidas as formalidades da lei, o preso foi introduzido na sala das audiências e deu-se começo ao inquérito. Mandaram-no sentar, recusou-se; perguntaram-lhe o nome, não respondeu. De testa coberta de grossas rugas, olhos injetados e fitos na parede, parecia nada ver e nada ouvir. O povo exasperava-se com o atrevimento do criminoso, com a falta de respeito à justiça. A indignação crescia e talvez chegasse ao desespero, se Gervásio não procurasse demover o criminoso do propósito em que estava de não prestar homenagem à lei. Era tarefa difícilima domar aquela fera.

— O povo trá-lo à presença da justiça como um criminoso e no entanto o senhor pode ser um inocente. Acusam-no, e é preciso que se defenda. A lei só pune o culpado. Nós devemos respeito a ela. O senhor está na casa da justiça, deve obedecer-lhe; não lhe negamos

o direito de defesa e, para lhe mostrar que aqui a pessoa do acusado é inviolável, que não pode haver punição sem crime provado e sem a condenação da justiça, eu lhe restituo a liberdade.

E Gervásio cortou as cordas, que amarravam o preso.

O povo exasperou-se e vociferou:

— Fora o protetor da fera! O amigo do malvado! Morra o Punaré!

Gervásio havia assumido grande responsabilidade; o povo o ameaçava. Com grande presença de espírito lhe falou:

— Nada mais tendes com o preso, uma vez que está em poder da justiça.

E voltando-se para o delegado, disse:

— Cumpra a lei, o preso responderá o que lhe for perguntado.

Punaré fitava agora Gervásio surpreendido de tanta generosidade. Segundos antes, como a fera enraivecida e presa na jaula, estava disposto a ser morto pelo povo, e não dizer palavra sobre o crime. A coragem de Gervásio restituiu-lhe os meios de ação, quando todos o torturavam, despertou em seu espírito enfermo o sentimento de gratidão pelo doutor.

O povo investia para a sala das audiências, e o delegado, ainda aturdido com a idéia dos Calangros, deixava de conter a onda que já invadia todo o recinto.

Gervásio compreendeu a posição falsa da autoridade, e a bem da justiça decidiu-se a invadir-lhe as atribuições.

— Em nome da lei, como autoridade que sou por S. M. o Imperador, a quem Deus guarde, mando a todos que se retirem da sala das audiências, menos o preso e as testemunhas, sob pena de ser levado o procedimento dos que resistirem, à presença do Império, do nosso real senhor.

A sala esvaziou-se, mal Gervásio concluiu a alocução. Os que não tinham ouvido as palavras do doutor, gritavam na rua:

— Fora o homem da cidade! Fora o amigo do Punaré!

Mal chegou lá por fora a notícia de que Gervásio falava como autoridade, fez-se silêncio; apenas diziam em voz baixa uns para os outros:

— O homem é da lei! Traz ordens do Império!...

Gervásio teria sido vítima de um desacato se por aquele meio não contivesse a turba de ignorantes.

Começou o inquérito: o doutor, sentado ao lado do delegado, interrogou o preso:

— Qual o seu nome?

— Joaquim Manuel, conhecido por Punaré.

— De onde é natural?

— Da freguesia de Quixeramobim.

— Onde reside ou mora?

— Na Baixa da Areia.

— Há quanto tempo ali reside?

— Há muitos anos.

— Qual sua profissão ou modo de viver?

— Vivo de caçar.

— Aonde estava no tempo que se diz ter praticado o crime?

Punaré carregou os sobrolhos, lançou um olhar feroz para Gervásio e não respondeu.

— Responda! ordenou o doutor.

— Não sei.

— Tragam os ossos que foram encontrados.

Uma das testemunhas conduziu o esqueleto da criança, que foi colocado sobre a mesa.

Punaré fitou os olhos no chão.

— De quem são estes ossos? perguntou o doutor. Responda.

Punaré recusou-se. Gervásio mandou três vezes que respondesse, e, não sendo obedecido, levantou-se, levando a caveira, que colocou a poucos centímetros da barba do preso. Punaré desviou o rosto, e com a agilidade da onça deu um salto para a esquerda.

Gervásio voltou a seu lugar. Mal se tinha sentado notou que o povo abria caminho a uma mulher, dizendo:

— A mãe do menino!!

Entrou na sala das audiências uma mulher alta, morena, olhar desvairado, semblante taciturno, esfarrapada e caminhando a passo lento. Olharam todos para ela, menos o preso.

Era a infeliz mãe da vítima. Gervásio perguntou-lhe o que queria; não respondeu. Olhou a todos e se dirigiu para Punaré. O negro perturbou-se, alteraram-se-lhe mais os traços da fisionomia, a cor preta tornou-se fulva. A mulher chegou o rosto bem junto da barba do preso e, depois de tê-lo olhado alguns segundos, soltou uma gargalhada aguda, que retumbou em toda a sala, afastou-se depois para um canto e sentou-se no chão. Punaré, com a fisionomia visivelmente transtornada, tremia de assombro. Gervásio aproveitou o incidente e continuou o interrogatório:

— Onde estava no tempo em que se diz ter cometido o crime?

— Em São Serafim.

— Conhece as testemunhas que vão depor? Desde quando?

— Conheço a todas e de pouco tempo.

— Como se deu o fato de que é acusado?

— Eu fui à casa de Maria Ligeira em dias do mês passado e ela me pediu para levar à caça em minha companhia o filho José, o qual saiu comigo para o rio Curu; voltando, cheguei a São Serafim, onde resolvi logo matar o menino, o que realmente fiz no dia seguinte à

tarde, descarregando-lhe uma cacetada na cabeça. Depois de bem morto *consertei* e pelei no fogo o corpo, depois assei-o todo por não ter sal e comi-o com mel de abelhas, por espaço de três dias.

— E o lugar de São Serafim tem caça e mel, e fica distante de casas?

— Tem caça, mel, e fica a uma e meia légua duma fazenda onde há muita criação de ovelhas.

— Por que não lançou mão de outros meios para evitar o crime?

— Vi-me vexado da fome que não permitia outros meios.

— Por que motivo, tendo saciado a fome, continuou a comer carne humana, por espaço de três dias?

— Não sei.

— Em que estado se achava a criança quando a matou?

— Estava farta por ter trazido de casa alguma comida.

— Para onde foi, depois que matou o menino?

— Para a casa de minha mãe, na Baixa da Areia.

— Alguma pessoa mais foi cúmplice no crime?

— Ninguém.

— E não tem remorsos de um tão grande crime?

— Não, senhor.

Terminado o interrogatório, Gervásio conduziu o réu à cadeia pública. O dia estava bastante alto, quando o doutor concluiu a tarefa. Hospedou-se com Edmundo em casa do juiz de direito até a manhã seguinte, quando seguiriam, ele para a comarca e seu amigo para a cidade de * * *.

Pela madrugada Gervásio despediu-se de Silveira e cada qual tomou seu caminho.

Edmundo, apenas caminhou uma légua, sentiu-se doente. Uma cefalalgia intensa obrigou-o a apear. A marcha do cavalo, embora moderada, o incomodava. Tinha febre e uma repugnância invencível ao vento. Sentia calefrios, quando o alcançava uma corrente de ar mais forte. Os membros inferiores doíam-lhe como se tivesse feito uma marcha forçada de léguas! Experimentava na coluna vertebral uma sensação de cansaço aflitiva. Estava a uma légua da vila e não se sentia com forças de voltar. Recostado ao tronco de uma árvore à margem da estrada, esperava algum viandante que o socorresse. O dia crescia e ninguém passava no caminho. Edmundo se inquietava com o seu estado. Resolveu voltar à vila, e, se aproximando do cavalo, tentou montar, mas embalde! O menor esforço exacerbava-lhe a cefalalgia, a ponto de parecer que lhe estalava o cérebro. Desalentado, voltou ao mesmo lugar e à mesma posição. Minutos depois, estava completamente adormecido, aos raios quentes do sol.

Assim passou à beira do caminho o resto do dia e a noite inteira.

Pela manhã, alguns retirantes passaram, chamaram-no e, como não despertasse, seguiram e disseram na vila que na margem da estrada estava um homem morto ou muito doente. Pelos sinais desconfiaram ser o companheiro do Dr. Gervásio.

O delegado de polícia dirigiu-se ao lugar, e Edmundo foi transportado para a casa do juiz de direito. Estava gravemente doente, pouco falava, parecia indiferente a tudo.

A doença prolongou-se, a febre sempre intensa, e apenas, para debelá-la, o recurso único das doses homeopáticas aplicadas pelo vigário da freguesia, bom padre, mas péssimo médico.

A natureza, e só a natureza, a lutar com a moléstia! Nem um medicamento, a auxiliá-la!

Os desarranjos gástricos se acentuavam mais, e uma diarréia rebelde os acompanhava. No tronco algumas manchas ovais cor-de-rosa, mas que desapareciam quando eram comprimidas. As mucosas nasais, em uma epistaxe constante, pouco repouso permitiam ao doente.

Na manhã do vigésimo primeiro dia de doença, Edmundo tinha o ventre timpânico, a língua completamente seca e os lábios fuliginosos. As feições profundamente alteradas e de uma cor lívida indicavam perigo iminente. A bronquite, o delírio, o soluço, eram o cortejo terrível da febre tifóide, que seguia a marcha fatal. Era a crise vinte e um dias! O vigário não abandonava o doente. Lia noite e dia um médico homeopata, e procurava dar as doses indicadas, embora sem diagnóstico.

O doente tinha febre; ele ignorava que febre é efeito e não causa, e dava acônito, alternando com outros medicamentos. Para ele toda a febre curava-se com acônito e briônia.

Edmundo estava mais para a morte do que para a vida. Às duas horas da tarde, começou a se manifestar a carfologia. O doente não parava com as mãos um segundo. Ora parecia apanhar moscas, outras vezes desfiar um novelo de linha. Algumas horas levou nesse constante desassossego e a delirar sempre! Às oito horas da noite, uma convulsão distendeu-lhe todos os músculos, contraiu-os depois, dando ao corpo a forma de um arco, que tivesse as extremidades sobre um plano.

Julgaram a convulsão da morte, e o vigário, com todos os aparatos fúnebres, chegou-se ao enfermo para *ajudá-lo a bem morrer*. O ataque durou minutos, findos os quais voltou o corpo à posição natural; cessou o delírio e o crocidismo; abriu os olhos, pediu água, que bebeu com avidez, e adormeceu profundamente. Entrava o enfermo em convalescença; a crise passara, somente a natureza batera a moléstia. Curara-se à revelia da medicina.

CAPÍTULO XXXIV

EM CASA DE MANUEL DE FREITAS conversava o coronel com o padre Clemente.

— Pretendo mudar-me, senhor padre.

— Por quê? Algum desgosto com os vizinhos?!

— Não, senhor. Recebi uma quantia que me deviam e, desde que posso alugar uma casa, não devo continuar a utilizar-me desta, quando muitas famílias vivem por aí desabrigadas.

— É louvável o seu procedimento, coronel.

— De hoje a quatro dias, irei entregar-lhe a chave e agradecer os grandes favores que nos há feito.

— Sempre à sua disposição.

— Comunico-lhe que Carolina foi pedida em casamento pelo Sr. Edmundo da Silveira, hoje empregado na secretaria do governo. As núpcias serão em março próximo, e desejava que fossem celebradas por V. Rev.^{ma}.

— Desejava ter recursos para oferecer à sua filha o enxoval do casamento; em falta, reservo para mim, a honra de casá-la.

— Obrigado, senhor padre Clemente.

— As certidões estão prontas?

— Edmundo foi ao sertão e as trará.

— Ao sertão?

— Deus seja com ele.

O padre despediu-se do coronel e foi para os abarracamentos. Nem um dia faltava àquela piedosa tarefa.

Inácio da Paixão veio com a filha morar em casa de Freitas.

Josefa recebeu Maria como se fosse sua filha. À criança não faltavam cuidados e desvelos, mas tudo isso apenas lhe minorava os sofrimentos. As úlceras atônicas, e algumas de grandes dimensões, cobriam os membros inferiores. Os lábios lívidos, as faces de uma cor terrosa provavam a pobreza de sangue.

Inácio da Paixão receando perder a filha, chamou um médico, que lhe prescreveu uma medicação tônica e reconstituente, a par de uma alimentação apropriada a levantar as forças da doente. Entretanto aquele estado continuava, a atonia progredia, a enferma definhava cada vez mais! O estômago e intestinos, numa fadiga mórbida, rejeitavam os alimentos mais digestíveis. As úlceras, longe de cicatrizar, se abriam mais, eram de um lívido azulado, em vez de pus exsudavam uma serosidade viscosa, uma espécie de salmoura fétida.

Maria estava profundamente anêmica. Mesmo em repouso a vida era aflitiva. Cansava na posição mais cômoda, na mais completa quietação. O sangue havia perdido a densidade e daí os desarranjos

penosos na circulação. A dispnéia a afligia. A hematoze era incompleta e a vida por isso mesmo era um fardo pesado. O tédio, o desgosto, de tudo faziam a pequena enferma pedir o termo da vida, que começava. Uma manhã, Maria disse ao pai que queria morrer. Inácio consolou-a prometendo-lhe saúde.

A enferma caminhava para a morte, que se anunciava pelo resfriamento dos membros inferiores. O pai, desalentado, não deixou mais o leito da filha. À tarde, Maria pediu que lhe dessem água. Deram-lha, mas não pôde mais beber. Beijou as mãos do pai e morreu.

Inácio da Paixão chorava sem consolo à beira do leito da filha, à borda do túmulo que se abria para receber o seu derradeiro amor.

Chegava a hora das saudades, o pôr-do-sol. As dores de Inácio aumentaram as tristezas da ave-maria, e soluçava cada vez mais. Era o remorso que ficava, depois do desaparecimento da última afeição da terra. Era a angústia que lhe esmagava o coração numa tribulação infrene!

À noite, depois de acesas as velas mortuárias, Inácio pediu aos parentes que fossem descansar, que guardaria o corpo da filha.

Sentado ao lado do cadáver, com o olhar fito nas velas, que ardiam, o infeliz cavava o passado, cada vez mais horrorizado de si. Já tinha passado mais de dois terços da noite, nem um pensamento tivera que não fosse mau, nem uma idéia que não fosse um desalento! Era preciso um castigo à sua falta — o abandono da família.

Pensava nos erros do passado, quando Filipa entrou com passo firme e cadenciado. Colocou-se em frente de Inácio, tendo de permeio a morta. Levou de pé, imóvel, mais de duas horas, depois olhou para Inácio e perguntou:

— Quem é?

— Maria, minha filha.

— Morta a sua, e a minha vendida! . . . A jangada! . . . O mar! . . . Foge! . . .

Filipa havia tido um momento lúcido, um raio de luz da razão cintilou por um instante na escuridão da enfermidade mental. E depois tudo voltou à inconsciência.

As palavras de Filipa abriram na mente de Inácio um caminho a seguir. Queria um castigo a seu crime, e seria o resgate de Bernardina, que lhe custaria, além do dinheiro, os sacrifícios de uma viagem longa e penosa.

Ao alvorecer do dia, Filipa estava ainda de pé no mesmo lugar, e Inácio cada vez mais triste e acabrunhado.

Freitas veio ter com o primo e disse-lhe que ia procurar o padre Clemente para fazer o enterro, e saiu.

O coronel encontrou o sacerdote já de pé e disposto a continuar a tarefa de seu ministério.

Estava pálido e trêmulo. O jejum do dia anterior havia sido quase absoluto! Apenas tomara a hóstia e o vinho do sacrifício! Não recebera a espórtula da missa.

Freitas estava admirado da pobreza do padre. Era a primeira vez que ia à casa de Clemente. Comunicou-lhe a morte de Maria e pediu-lhe que se encarregasse do enterro. O padre prometeu procurá-lo, logo que voltasse da igreja.

O coronel voltou à casa. Inácio continuava inconsolável.

Clemente, fiel à sua promessa, tratou do enterramento de Maria e Inácio e Freitas acompanharam o cadáver ao cemitério de São João Batista.

Às dez horas da manhã estava tudo consumado. Inácio quis remunerar os serviços do padre, mas este recusou a espórtula.

Clemente seguiu para o abarracamento; o coronel e Inácio voltaram à casa.

Inácio isolou-se no seu quarto. Cavava o passado, e agora mais que nunca a consciência clamava contra seus erros. Tudo o acusava e por cúmulo de angústia aparecia mais uma vítima; era Manuel da Paciência. Até então não se tinha lembrado dele; a esposa, os filhos o absorviam todo! Inácio estava desalentado. Como reparar o mal causado ao servo, caso fosse escravo no sul? Era já noite e aquele desgraçado não repousara um segundo! De angústia em angústia via o tempo passar vagarosamente, contando os minutos por milhares de idéias tristes e desoladoras.

O padre avaliou bem os sofrimentos de Inácio pelos traços que lhe haviam ficado na fisionomia.

Com o fim de consolá-lo, procurou-o. Freitas acompanhou-o ao quarto do primo:

— O senhor padre Clemente vem visitá-lo, Inácio, disse o coronel retirando-se.

— Seja bem-vindo, senhor padre, disse Inácio oferecendo uma cadeira ao sacerdote.

— Vim procurá-lo, meu filho, porque compreendi o seu pesar. Nas grandes dores precisamos de conforto, de ter quem nos ajude a triunfar das tribulações do espírito. São os parentes os amigos preferidos nessas ocasiões. Como sou irmão de Cristo, vim procurá-lo, ao menos para ser seu companheiro nas primeiras horas atribuladas de sua dor.

— Ah! senhor padre Clemente! Eu não merecia de Deus tão grande favor! A sua misericórdia é infinita e se assim não fosse não enviaria Ele um justo para consolar-me. Há mais de dois anos, me perdi. Durante todo esse tempo, nem um momento de sossego tive.

Eu fui o causador de todos os meus males. O vício me fez criminoso. Na minha adversidade, longe dos meus, não os esqueci.

Inácio interrompeu a narração, e chorou alguns minutos; depois continuou:

— A sorte favoreceu-me e voltei à província. Andei de palhoça em palhoça, de abarracamento em abarracamento, procurando a família, e sem encontrá-la. Um dia, voltava dos abarracamentos, quando encontrei a criança a quem V. Rev.^{ma} deu sepultura. Era a minha filha mais velha, que, cega, pedia esmolas pelas ruas. Perguntei-lhe pela mãe, pelos irmãos. Tinham morrido das bexigas. Ela havia ficado para meu consolo.

— Ela foi viver a vida eterna dos bem-aventurados. Deus quis que passasse por mais esta provação; deve-se submeter aos seus altos juízos.

— O tempo acabará com a minha dor, mas, o remorso? Ficaré, senhor padre. Uma das minhas vítimas era um meu servo, fiel, e eu o vendi, enganando-o, como meu escravo. Os danos que causei a esse honrado velho, abusando de sua confiança, poderei repará-los algum dia? Ainda a noite passada, quando guardava o corpo de minha filha, a louca Filipa aproximou-se de mim e perguntou-me de quem era o cadáver; respondi-lhe, e então disse-me: “Sua filha morta e a minha vendida!” Diga-me, senhor padre Clemente, se eu poderei ter mais paz neste mundo!

— Não se considere perdido, meu filho; Deus perdoa sempre que nos arrependemos. E fora incompatível com sua misericórdia negar o perdão ao arrependido. O homem é susceptível de regeneração, e se assim não fosse, muito pequeno seria o número dos virtuosos. Todos nós caímos e ainda caem mais os que se julgam perfeitos. Pode-se reabilitar perante Deus e a sociedade dos bons. Nunca se julgue forte, considere-se sempre fraco, evite quanto possível as ocasiões, temendo a sua fraqueza, e se não quiser cair, nunca ponha em prova a sua virtude. Peça a Deus perdão das faltas que cometeu contra sua mulher e filhos; procure restituir a liberdade a seu servo, a quem pedirá absolvição do crime que cometeu contra a sua liberdade. Não se envergonhe de prostrar-se aos pés do seu criado, uma vez que o tenha ofendido.

— Ah! senhor padre, como é bom o conselho de um justo! Há pouco tempo, só havia para mim o desespero. As suas palavras, senhor padre Clemente, me deram alívio e esperança. Cumprirei religiosamente o que me acaba de aconselhar. Partirei no primeiro paquete para o sul, e tenho fé em Deus que saldarei as minhas dívidas.

Inácio levantou-se e, comovido, beijou a mão do padre.

— Adeus, meu filho, Deus o acompanhe.

EPÍLOGO

CAPÍTULO I

COMEÇAVA O ANO DE 1880 e nascia uma esperança, que o povo cearense, acossado pela seca, procurava alentar.

O governo continuava a socorrer os famintos, mais pela magnanimidade do Imperador do que em observância à lei constitucional do Império.

O espírito público se impressionara com a continuação da calamidade e nas altas regiões oficiais a desconfiança era tal, e a falta de patriotismo dos representantes da província tão grande que um ministro da coroa, por abuso de mando, chegou a suspender por decreto os socorros públicos!

Os retirantes, alegres, se preparavam para voltar ao sertão.

A floresta tocada de morte, os rios sem uma gota d'água, e entretanto acreditavam estar muito próxima a vinda do inverno.

Não se iludiram! O dia 14 de março veio realizar os seus pressentimentos. Logo ao amanhecer, o trovão ribombou no espaço e chuva copiosa lavou a terra! Os alísios emudeceram e o norte impelia as nuvens para o sul.⁶⁷

Seria uma ilusão que se transformaria em breve numa realidade cruelíssima, ou a paz que se anunciava às vítimas do flagelo, trazendo o benfazejo inverno, o fertilizador dos campos?

Nos abarracamentos, que alegria nos famintos! Humilhados pela ração, insultados por alguns grandes do país, olham fortalecidos e esperançosos para a nova época que surge, e longe de ficar, como

⁶⁷ *Alísios e norte* são ventos que se alternam, no litoral cearense, sendo os segundos, conforme a tradição, os que asseguram chuvas constantes de inverno.

tinham agoirado alguns senadores levianos, em pleno parlamento, feito cães de monturo, comendo *migalhas de carne-seca podre e farinha derrancada*, partem felizes, porque os espera a independência do trabalho.

O contentamento havia chegado também à tenda de Freitas. O coronel ouvia contente salvar o festival dos elementos, a artilharia do espaço. Queria também voltar, mas Edmundo não chegava! Nem uma notícia sua em mais de dois meses!

Carolina definhava todos os dias. A idéia de uma desgraça não a deixava. Tinham-se mudado da casa oferecida pelo padre Clemente e moravam à Rua Formosa.⁶⁸ Freitas sentiu-se forte. A atonia da dependência havia desaparecido. Olhava para os dias idos, como o convalescente para o tempo em que gemeu no leito da doença. Voltava-lhe a energia de outrora.

O inverno continuava copioso, das praias ao sertão.

Freitas, embevecido, passava contemplando horas inteiras as saudosas tristezas do espaço coberto de nuvens pardacentas, os cúmulos acastelados no horizonte, como fortalezas de cobre.

O dia fatal tinha chegado; era o dia 19 de março! Para mais fortalecer a crença dos retirantes, foi de completo inverno. A chuva foi uma só, de manhã à noite; as nuvens carregadas de eletricidade escoaram-se no espaço sobre toda a província!

Era uma fartura para Freitas continuar em Fortaleza. Todos os dias via passar os companheiros para o sertão e ele ficar! Uma manhã, saiu a passeio e ouviu ler nos jornais do dia as notícias chegadas do interior. Eram por demais lisonjeiras; os campos verdes, os rios cheios, as lagoas e açudes a vazar e, em breve, a abundância por toda a parte. Não se conteve mais. Voltou à casa e comunicou a Josefa o seu plano de viagem que se efetuariaria no dia seguinte. Sua mulher fez-lhe ver a necessidade de esperarem a volta de Edmundo, mas isso não o demoveu de seu propósito. Seguiriam pela estrada de ferro de Baturité até Canoa, estação terminal e inaugurada, havia seis dias.

Ao amanhecer, quando Freitas e a família saíam para tomar o trem, encontraram Edmundo, que chegara, havia instantes. Estava forte e robusto.

Adiaram a viagem. Edmundo contou o perigo em que estivera e a resolução de voltar de Canindé, temendo o regresso de Freitas. O dia 30 de março foi marcado para a realização do casamento, e o coronel, com o noivo procuraram a casa do padre Clemente. O sacerdote estava na igreja; tinha ido celebrar. Constantino os recebeu com respeito.

⁶⁸ A antiga Rua Formosa é a, hoje, Barão do Rio Branco.

Freitas não cessava de admirar a pobreza da habitação. Entre os objetos que estavam na sala, não havia um que não fosse paupérrimo! Acostumado a freqüentar os vigários do sertão, amadores dos gozos da vida, o coronel não compreendia como Clemente se sujeitava voluntariamente a viver assim. Não sabia a vida do padre; conheceu-o em horas angustiosas e dele só tinha ouvido até então conselhos e consolações. Era a segunda vez que visitava o sacerdote e agora, mais detidamente, observava tudo.

Freitas não pôde dominar a sua curiosidade e interrogou Constantino, que discretamente guardava distância:

— Perdoe a indiscrição, meu velho. É por economia que o padre Clemente goza tão pouco dos bens da vida?

— Ele nada possui, senhor. Herdou fortuna e nunca teve mais que os gozos desta pobreza. Repartiu com os necessitados o que tinha; eles foram os legítimos herdeiros dos bens que lhe deixaram os pais. Sempre viveu como vive, das espórtulas dos fiéis e destas mesmas, senhor, quantos dias mal chegam para comermos uma vez!... São distribuídos também com os desvalidos.

O padre entrou e Constantino calou-se.

Freitas e Edmundo estavam surpreendidos de tanta virtude. Foram ao encontro de Clemente, e o coronel, por uma dessas emoções que não se podem dominar, tomou a mão do padre e beijou-a com toda a veneração.

— Bom dia, coronel!... Sr. Edmundo!

E abraçou o noivo.

— Mais um favor, senhor padre: quero realizar o casamento de Carolina no dia 30, e venho pedir-lhe o seu valioso auxílio.

— Os meus fracos serviços estão à sua disposição, coronel.

— Adoeci em caminho e não pude continuar a viagem, e daí a falta das certidões de idade.

— A câmara eclesiástica aceita justificações, disse Clemente.

— Vamos dá-las, então, e a V. Rev.^{ma} comunicaremos o resultado, disse Freitas.

— Amanhã os acompanharei à secretaria do bispado.

Freitas e Edmundo, agradecidos, se despediram de Clemente, e saíram.

CAPÍTULO II

ERA O DIA DAS NÚPCIAS. Às 7 horas da manhã a fortaleza de Nossa Senhora de Assunção anunciava com um tiro de peça a chegada do

paquete do sul e, uma hora depois, os passageiros desembarcavam em jangadas que, com as velas latinas enfunadas, corriam ligeiras com todos os ventos.

Entre os passageiros vinham Inácio da Paixão acompanhado de uma rapariga de cor preta. Era Bernardina, a filha de Filipa.

Chegando à terra, Inácio dirigiu-se à casa de Clemente.

O padre, havia pouco tempo, voltara da igreja.

— Sr. Inácio!

— Senhor padre Clemente!

E abraçaram-se.

— As minhas dívidas estão quase todas pagas. Foi-me difícil seguir os conselhos de V. Rev.^{ma}. A primeira dificuldade foi saber quem na corte era o correspondente de Prisco da Trindade. Era preciso ir ter com ele, mas como, se eu havia cometido em sua casa um crime? Para a realização de meu plano era preciso conferenciar com o comendador. Resolvi arriscar a liberdade; disfarcei-me quanto pude e apresentei-me em seu palacete. Achei-o mais velho, mais rico e mais desgraçado. Sua mulher estava sofrendo do *flato*. Mudei de nome e pedi que me desse ordem de duzentos mil-réis para a corte. Dei o dinheiro e recebi letra contra Taveira, Cunha & Cia. Não me conheceu. Seria fácil descobrir os escravos. Embarquei para a corte, dizendo a Manuel de Freitas que ia viajar. Chegando à praça do Rio de Janeiro, fui ter com os negociantes, e, antes de receber o dinheiro, indaguei do paradeiro de Bernardina; consultaram o registro e me disseram ser escrava em uma fazenda de Campinas. Por Manuel da Paciência não foi preciso perguntar, me contaram o logro que havia sofrido o comendador. Criei coragem. Pedi que me informassem sobre o escravo Sebastião, o doente; queria saber a quem deveria indenizar. Examinados os livros, Sebastião estava também em São Paulo e fora vendido por um conto e oitocentos mil-réis. A moléstia havia sido somente para depreciar a *mercadoria*. Parti para Campinas e fui ter à fazenda onde Bernardina era escrava. Ah! senhor padre, apertou-se-me o coração diante do que vi! Era horrível! Escravos e escravas somente de tanga, no trabalho, vigiados por um feitor, e, por qualquer parada, dava-lhes chicotadas, lembrando-lhes assim que não tinham o direito de parar! E os desgraçados nem uma palavra, nem uma queixa, temendo a gargalheira, o tronco, o carro! Pedi uma conferência ao fazendeiro e fui levado à sua presença. Recebeu-me mal. Moço formado, porém tolo e presumido, filho de pais ricos e soberbos, acredita que sendo doutor, valha mais do que os outros. Nem me mandou sentar. Disse-lhe a que ia, e entramos em negociação. Atendeu-me melhor, depois que viu que, além de um conto e quinhentos mil-réis que lhe dei pela carta de liberdade de Bernardina, me ficavam ainda algumas cédulas: fez-me sentar, mostrou-me

os dentes e ofereceu-me hospedagem. Recusei o agasalho em seu palacete; voltei com a liberta à corte e daí à Fortaleza. Eis, senhor padre Clemente, o que se passou comigo no sul.

— Fez o seu dever, meu filho.

— Vou à casa de Freitas.

— Hoje, casa-se Edmundo com Carolina.

— A que horas, senhor padre?

— Às cinco da tarde, na igreja do Rosário.

— Então permita que fique em sua casa até aquela hora. Quero-lhes fazer a surpresa, depois do casamento.

— A casa é sua, meu filho. Esteja à vontade; eu vou aos abarrocamentos.

E Clemente saiu. Era o dia de núpcias. Em casa de Freitas, os preparativos do casamento tudo absorviam. Carolina sentia em si um misto de prazer e tristeza; entregava-se a mil pensamentos. Filipa, taciturna, passava por todos sem vê-los, ouvia-os e não os entendia.

À hora marcada, Edmundo, acompanhado das testemunhas, se dirigiu à casa de Freitas. Esperava-o já a noiva, sentada ao lado dos pais na sala de visitas. Carolina estava mais formosa. Trajava um vestido de cambraia branca, fina, transparente, simples, mas bem-acabado. Emoldurava-lhe o rosto oval o véu e cingia-lhe a fronte a grinalda de flores de laranjeira por sobre o sombreado do véu nos cabelos louros que haviam crescido um pouco.

Edmundo apertou a mão da noiva; e o préstito se dirigiu para a igreja.

O padre Clemente, minutos depois, dava a bênção nupcial ao par e os acompanhava.

Inácio da Paixão assistiu, sem ser visto, ao casamento. Logo que supôs os noivos em casa, se dirigiu com Bernardina à residência do coronel. Os noivos estavam sentados, conforme o uso, tendo o padre Clemente à direita e as testemunhas à esquerda. Inácio entrou com Bernardina e se dirigiu aos noivos. A liberta beijou a mão de Carolina, que a abraçou, e choraram juntas.

Freitas e Josefa saudaram Inácio e indagaram como ele fizera aquela ressurreição.

— Libertei-a, e venho restituí-la à mãe.

Filipa estava sentada no pequeno corredor. Inácio foi ter com ela e trouxe-a à sala. Era geral o silêncio. Todos fitavam a louca e esperavam. Inácio deixou-a de pé, no centro da sala e disse a Bernardina:

— Tua mãe!...

A rapariga correu para ela e abraçou-a chorando.

Filipa olhou-a e disse:

— O mar!... a jangada!... foge!... o homem!...

— Que? minha mãe, não me conhece? Bernardina, sua filha.

Filipa aproximou-se do rosto da filha, examinou-lhe as feições, murmurando palavras imperceptíveis, arregalou depois quanto pôde os olhos, como se assim pudesse acordar a consciência, que a noite da loucura adormecera. Faz-se luz da razão naquele cérebro escuro, reconhece a filha e exclama:

— Minha filha!... Ah! Deus misericordioso e justo!

Um abraço longo estreitou aqueles corações que a lei bárbara dos homens havia separado e torturado tanto. Todos estavam comovidos. Filipa ainda meio aturdida olha tudo que a cerca e reconhece seus antigos senhores. Fitou Josefa, de quem se aproximou, e beijou a mão. Abraçaram-se e choraram juntas. A Freitas, Filipa tomou a bênção, estendendo-lhe a mão, mas o sertanejo comovido, abraçou-a.

Às seis horas da manhã deviam tomar o trem de Baturité, para o interior.

Freitas, chegara à Fortaleza com mulher e cinco filhos, e voltava apenas com Josefa, Inácio da Paixão, Filipa e Bernardina.

Na estação soava a derradeira chamada; abraçaram-se amigos e parentes, e o padre, Clemente, dirigindo-se aos que iam, disse-lhes:

— Em homenagem a Deus, aos favores dele recebidos, meus filhos, quando chegardes à vossa terra, se tiverdes inimigos, procurai-os, aos infelizes protegei, e Deus será convosco. Adeus...

A sineta deu o sinal de partida, a locomotiva silvou. Um jato de vapor branco vomitou a válvula e se espiralou no espaço; esticaram-se as manilhas, mordendo os pinos, gemeram os pára-choques, moveram-se as rodas, e a máquina, arquejando, foi-se movendo devagar, depois mais depressa, e lá se foi, arrastando o comboio, em rumo do sertão.